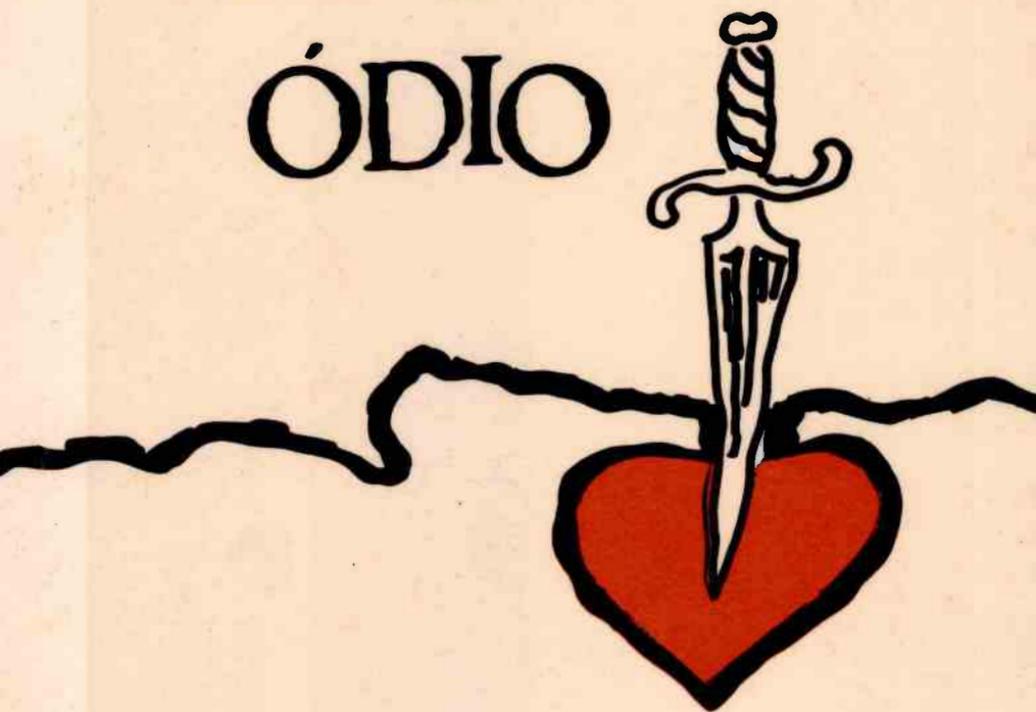
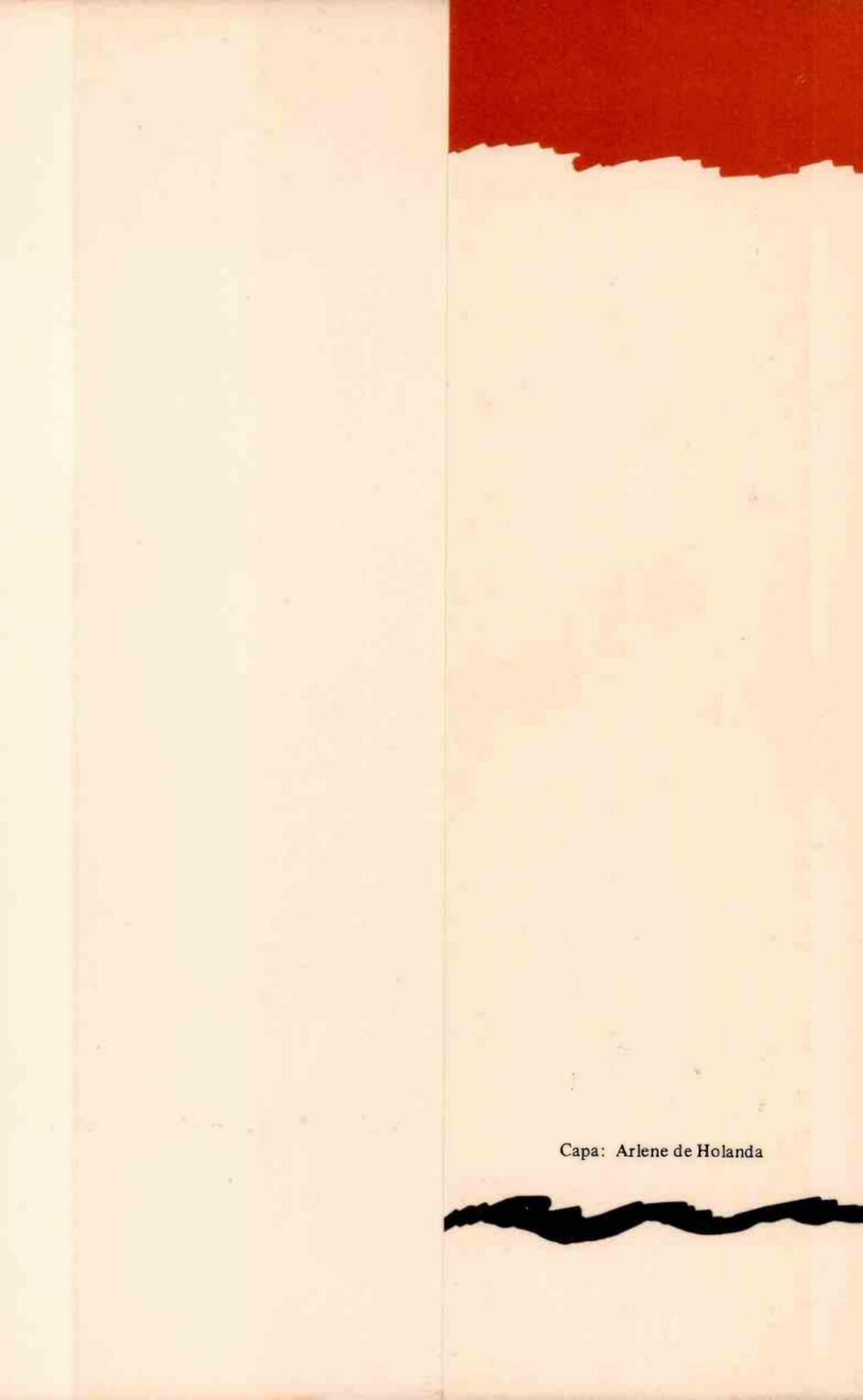


Nilto Maciel

PUNHALZINHO
CRAVADO DE
ÓDIO







Capa: Arlene de Holanda

“Punhalzinho Cravado de Ódio” é um livro que ao leitor reserva agradáveis surpresas. A rigor, não existe uma ordem de leitura que realmente corresponda à sequência dos contos. No entanto, tenho para mim que a melhor opção de leitura seria aquela que começasse pelo último texto do livro. Assim, o leitor seria mais facilmente arrastado por todo o percurso do volume e, de início, evitaria a difícil travessia que começa com a descoberta de “A Lenda de um Reizinho — Capítulo Exótico” e termina com o último parágrafo do conto “Esses Abraçadores da Morte”.

Modelo



NILTO MACIEL

PUNHALZINHO CRAVADO DE ÓDIO
(CONTOS)

FORTALEZA
SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
1 9 8 6

NILTO MACIEL

c. 1986

SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO

Av. Presidente Castelo Branco, 255 — Centro

Fortaleza - Ceará - Brasil

CEP — 60 000

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

CATALOGAÇÃO NA FONTE: BPGMP

M 152 p Maciel, Nilto

Punhalzinho Cravado de Ódio; contos.

Fortaleza,

Secretaria de Cultura e Desporto,

1986.

98 p.

1. Literatura Brasileira — Contos.

I. Título.

CDD — B869.3

Secretário de Cultura e Desporto:
JOAQUIM LOBO DE MACEDO (JOARYVAR MACEDO)

Presidente do Banco do Estado do Ceará:
FERNANDO ANTÔNIO DOS SANTOS TERRA

Diretor-Presidente da Imprensa Oficial do Ceará:
MURILO ROCHA AGUIAR FILHO.

A publicação desta obra tornou-se possível graças ao apoio da Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará e Banco do Estado do Ceará — GOVERNO LUIZ DE GONZAGA FONSECA MOTA.



S U M A R I O

A Arca	13
A Desilusão de Jonathan Swift	16
A Lenda de um Rei z inho — Capítulo Exótico	18
Apocalipse	21
Assim Seja	24
Esses Abraçadores da Morte	26
Gesta do Jaburu	30
Insensatez	37
Mimo	42
Moisés e o Mundo	44
O Desafio de Facundo	46
O Fogo e a Luz	50
O Grande Jantar	53
O Manuscrito de Yellah	59
O Oráculo	64
O Pecado Genial do Dr. Ipsilon	68
O Problema Fundamental da Existência	70
O Sonho do Meliante Guimarães	74
Punhalzinho Cravado de Ódio	77
Quimera	80
Rede de Cobras	83
Santo Yan	86
Tadeu e a Mariposa	88
Teoria da Desfiadura	95



CONTOS PICARESÇOS E ALEGÓRICOS

Quem desejar conhecer a história recente da literatura cearense, terá fatalmente que conviver com a expressividade que no seu universo projeta a ficção de Nilto Maciel. Participante ativo da maioria dos movimentos literários que eclodiram no Ceará durante a aventura dos anos setenta e que tiveram como pontos culminantes a edição da revista "O Saco" e a criação do Grupo Siriará de Literatura, Nilto Maciel desde o início da sua militância revelou-se um intelectual comprometido com a transformação da palavra e com a problemática que se foi instaurando no contexto do seu discurso ficcional.

Estreou como contista, em 1974, com um pequeno volume de estórias que batizou de "Itinerário", mas as suas inegáveis aptidões literárias ele somente manifestaria sete anos depois, quando, em 1981, já residindo em Brasília, fez publicar, pela Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, o seu livro de contos intitulado "Tempos de Mula Preta", inventário com o qual consolidaria definitivamente a sua posição de escritor, firmando-se como um dos mais expressivos ficcionistas da sua geração.

Em 1982, com a publicação de "A Guerra da Donzela", Nilto Maciel revelaria suas tendências para o cultivo da longa ficção, legando-nos uma novela carregada de densa atmosfera criativa e no mais provando-nos que um ficcionista de talento forja-se não somente pela capacidade de improvisação e de apreensão do universo que busca literalmente problematizar, mas pela competência com que encaminha

o fluxo da narrativa e pela habilidade com que consegue atravessar toda a elaboração de um percurso criativo alimentando um excelente nível de linguagem e um enredo sempre em processo de ascensão e gradativamente capaz de prender a atenção do leitor.

Agora, retornando ao exercício da curta ficção, Nilto Maciel nos entrega "Punhalzinho Cravado de Ódio", um livro onde reúne uma série de contos, escritos, segundo revela, em diferentes épocas. São contos, assegura, "das mais variadas correntes: rurais, alegóricos, psicológicos, de atmosfera, de costumes e sócio-documentais".

Contudo, a advertência acima serve unicamente para antecipar que "Punhalzinho Cravado de Ódio" é um livro sem unidade temática, o que, aliás, não resulta em desprovelo da apreciável qualidade dos contos que exhibe. Pelo contrário, prova a versatilidade de Nilto Maciel em trabalhar assuntos aparentemente tão díspares, mas que no fundo convergem para a unificação de uma temática que se vem cristalizando como pano de fundo na elaboração da sua atividade ficcional, que é a capacidade de fundir a carnavalesação do picaresco com a atmosfera do alegórico. Dentro dessa conceituação é que se enquadra, no seu entender, a maioria dos trabalhos de ficção de Nilto Maciel. Veja-se, por exemplo, a novela "A Guerra da Donzela", toda ela uma obstinada tentativa de objetivar essa conceituação, bem como grande parte dos contos enfeitados em "Tempos de Mula Preta".

Mas é claro que esta não é a única perspectiva de assimilação dos contos de Nilto Maciel, da mesma forma que a classificação por ele mesmo proposta não esgota o enquadramento dos universos ficcionais abordados. O conto intitulado "Insensatez", por exemplo, podia muito bem ser classificado como um conto de configuração urbana, assim como existem os contos que o autor reconhece como de procedência rural.

Esta variedade de temas e, principalmente, de técnicas narrativas, pelo que se pode depreender de uma paciente

leitura do conjunto de contos reunidos em “Punhalzinho Cravado de Ódio”, emerge da inconformação do autor de não mais aceitar as seduções da estética literária tradicional, bem como da consciência de que é preciso reinventar a carpintaria da ficção, sob pena do processo de criação converter-se em técnica de reportagem.

Em “Punhalzinho Cravado de Ódio” existem contos de excelente concepção, como é o caso de “A arca”, “O Desafio de Facundo”, “O Fogo e a Luz”, “Quimera”, “Rede de Cobras” e “Teoria da Desfiadura”, isto sem falar na estória que dá título ao volume, bem como no interessantíssimo “Tadeu e a Mariposa”, este último um conto de permanente interesse para o leitor, quer pela originalidade do enredo que ostenta quer pela aura de criatividade que o reveste.

“Punhalzinho Cravado de Ódio” é um livro que ao leitor reserva agradáveis surpresas. A rigor, não existe uma ordem de leitura que realmente corresponda à sequência dos contos. No entanto, tenho para mim que a melhor opção de leitura seria aquela que começasse pelo último texto do livro. Assim, o leitor seria mais facilmente arrastado por todo o percurso do volume e, de início, evitaria a difícil travessia que começa com a descoberta de “A Lenda de um Reizinho — Capítulo Exótico” e termina com o último parágrafo do conto “Esses Abraçadores da Morte”.

No entanto, apesar dessa recomendação, é preciso igualmente que se mencione que a estória que abre o volume é uma página de refinada sensibilidade, assim como belíssimo é o conto intitulado “A Desilusão de Jonathan Swift”, o segundo que ali aparece.

Por fim, registre-se que com “Punhalzinho Cravado de Ódio” Nilto Maciel reencontra-se com o melhor da sua produção, quer pela comprovação de que é realmente mestre na arte de contar estórias inesperadamente fabulosas, quer pela sua obstinação de permanecer fiel a uma temática e a uma técnica literária particularíssimas. No mais, diga-se do pro-

veito que pode auferir o leitor com a assimilação da sua atmosfera criativa, bem como com o conhecimento da sua aventura picaresca e do seu discurso transparentemente alegórico e incontestavelmente elucidativo.

DIMAS MACEDO

A ARCA

De longe, avistei a aglomeração e a curiosidade me arrastou para ela. Talvez algum mágico estivesse a encantar a pequena multidão. Podia tratar-se de comício, também. Avancei mais curioso, atento aos aplausos e modos daquela gente. Não, ninguém engabelava ninguém e todos vestiam trapos sujos. Um cheiro de lixo mandou-me dar meia volta e volver. Porém meus olhos queriam inventar o mágico ou o político e me grudaram às costas do último molambudo.

— Morreu galego?

O bruto fez ouvidos de mercador. Refiz a pergunta, de trás para frente, meio a rir de mim mesmo. Você me respondeu? Nem ele. Podia estar muito distraído e toquei-lhe o braço com ira. Não se virou mas desfiou um metro de porcarias. Só depois virou a cabeça para trás e me fitou demoradamente. Dei um passo para a esquerda e postei-me às costas de um que bodejava e erguia os braços. Que diabo! Um terceiro, cheio de rugas e cãs, não parava de rir. Mais outro olhou-me e de seus olhos vermelhos escorria muita água. Aquilo já me assustava e perturbava. Não, não me amedrontava. Ora, nenhum daqueles coitados parecia ofensivo. E menos eu compreendia onde me achava. Claro, diante ^{de} uma casa em formato de arca, metido no meio de um magote de mazelentos. E no interior da tal arca? Saí a pedir licença a um e outro, a abrir alas, até alcançar a porta. O porteiro sorriu-me e convidou-me a entrar. Que alívio! Pacatos e inteligentes frequentadores de exposições fumavam e ~~perolavam~~ requintadas senhoras furoavam intrigas entre si, bisonhos críticos parodiavam-se, risonhos e educados todos, bem vestidos e corados, alvos e adornados.

Dirigi-me a um gorducho de cara e jeito de sabido e indaguei o significado daquela multidão lá fora. Ele não me soube dar resposta, encenou uma exposição ^{de} sobre o que acontecia do lado onde se achava, ouvi por três vezes a pa-

lavra tranquilidade e, como eu lhe virasse o rosto, indicou-me um respeitável senhor sentado a um birô. Parti no rumo do venerando homem e repeti a pergunta. Para quê? Ele se enfureceu. Porém, antes de me agredir, levantou-se, como se despertasse de um sonho bom, e se disse sentir-se obrigado a ir chamar a polícia. E pôs-se a andar de um lado para o outro. Ora, são os mazelentos de segunda, terceira e quarta categorias que desejavam ser expostos. Impossível! Não adianta esse protesto absurdo. A exposição é de mazelas de primeira ordem, conforme o senhor pode ver. E apontou para as quatro paredes. Só então percebi as peças expostas. A arca havia sido construída especialmente para a exposição. Relacionou os nomes das mazelas principais, representadas ali por figuras humanas. Agradei as informações e juntei-me aos demais frequentadores. Remirei-os. Diante das peças expostas, trocavam opiniões. Uma lustrosa senhora, diante de um homem vestido de chagas, suspirava: “Maravilhoso! Maravilhoso! Maravilhoso!” Tentei ser polido e voltei-me para a exposição em si. Pernetas, manetas, coxos, cegos, leproscos, anões, gigantes, deformados compunham a galeria de mazelentos. Não seriam estátuas, manequins de gesso, plástico, bronze? Só então relatei os protestos da multidão do lado de fora à explicação do diretor da Exposição. Sim, o chagado se retorcia. Logo, a amostra se constituía de seres vivos. Cheguei a deixar transparecer minha emoção. “Ah! estão vivos?” Um prestimoso senhor tratou de me ensinar que “logicamente, pois é a Primeira Exposição de Mazelas. De nada valeriam elas, se não fossem em seres humanos.” Procurei atenuar minha ignorância. Aqueles pedestais, as poses, a rigidez das figuras, tudo dava a impressão de estarmos diante de imagens, como as de museu, igrejas, jardins. O homem deixou-me a falar só e eu terminei fugindo dos olhos do outro — o exposto.

Adiante, outro mazelento sorria para uma criança que o admirava. Ria e fazia trejeitos, caretas, mungangos. O rico menino encabulou-se e dirigiu-se ao pai: “Olhe, ele está rindo para mim.” Ao que o pai respondeu asperamente:

“É um mentecapto. Não se preocupe.” Noutra *stand*, um hermafrodita servia de motivo à briga de dois intelectuais a discutirem deuses e deusas. Para meu espanto, falavam ora em latim, ora em grego. E se maculavam disso e daquilo, entre risinhos e citações épicas, piscadelas e expressões vulgares, cachorro da moléstia, filho de uma égua, cabra da peste.

Eu, mal entendedor, tratei de pular fora daquilo, antes do dilúvio.

A DESILUSÃO DE JONATHAN SWIFT

O menino espirrou para a vida e sua mãe sorriu. O pessoal da maternidade também não se conteve e desatou a rir. Num instante, os sorrisos se transformaram em risos incontroláveis. Mais um minutinho e todos gargalhavam.

O pai do bebê, absurdamente, encheu-se de cólera e chorava, amaldiçoava-se, arrancava os cabelos. Incompreensivelmente ainda, impediu que sua mulher atirasse o menino ao chão e expulsou da sala de partos os médicos e as enfermeiras. Não, não admitia que se cometesse um crime daqueles.

— É meu filho e vou criá-lo, berrava.

— Mas isso não é gente, meu senhor.

— Um pingo de gente, marido.

No cartório não encontrou dificuldades para registrar o nascimento do filho.

— Que nome terá?

— Sansão.

— Deve ser um tourinho, hem?

Nenhuma igreja, no entanto, aceitou batizar o filhinho de Raimundo Toledo. Padres olhavam, olhavam para os braços do cansado pai e o enxotavam.

— Herege!

Pastores e ministros das mais esquisitas seitas só faltaram chamar a polícia.

— Nem por muito dinheiro, seu embusteiro.

Uma desgraça criar filho pagão, lamentava-se Raimundo.

— Eu fiz de tudo, mulher, eu juro.

— Não, não e não.

— Você então ainda quer matar o bichinho?

— Não tenho coração para essas malvadezas. Você me conhece, sou incapaz de matar uma pulga detrás da orelha.

A conversa rolou pelos mais insensatos becos da inteligência e nada de decidirem o destino do filho. Das pulgas passaram aos leões, destes ao cristianismo, subiram aos céus, desceram aos infernos, reviraram a terra, viraram e mexeram e descobriram a salvação.

— Isso mesmo, mulher, lança-lo ao rio.

— O Amazonas?

— Qualquer um, contanto que não seja um desses riachinhos vagabundos.

— O coitadinho ia morrer de sede.

— Não, não é isso. Ia encalhar aos nossos olhos.

— Alguém de bom coração irá recolhê-lo e criá-lo.

Arranjaram uma canoinha e desceu Sansão no rumo do mar. Um pescador qualquer o salvou das cachoeiras, et cetera e tal. Amamentado por uma cadela, cedo fugiu de casa. E procurou a companhia de outros bichos. Ao primeiro que encontrou, arrancou as penas, ao segundo mordeu, ao terceiro matou. Sua má fama espalhou-se da noite para o dia. Perseguido, foi dar à casa dos seus.

— Ele voltou, Raimundo.

Atirou areia aos olhos do pai, enfiou um alfinete na bunda da mãe.

Armou-se de canivetes, cacos de vidro, pregos, mil armas e saiu às ruas. Surrado pelos mais vis moleques, chutado e pisoteado pela meninada dos becos, fez as pazes com os pais e debruçou-se sobre os livros.

Seus primeiros discursos encabularam os pais.

— Quem diabo é Cíclope, Raimundo?

Os seguintes irritaram a todos.

Atrevido! Maluco! Subversivo!

Preso, condenaram-no à pena de morte por esticamento do corpo.

Apesar de todos os esforços dos carrascos, nem depois de morto Sansão alcançou os 15,24 centímetros exigidos por Jonathan Swift para declará-lo personagem.

A LENDA DE UM REIZINHO — CAPÍTULO EXÓTICO

Fui o primeiro deles. Assim, posso falar a respeito de nós, inclusive dos mortos. Eu me sabia superior aos homens em todos os sentidos. Depois de mim veio aquela onda de dar aos bebês humanos o meu nome. Talvez assim esses futuros cidadãos se parecessem comigo. Além disso, o controle da natalidade deixou de interessar aos casais. Todo mundo queria procriar. Para ter filhos como eu. Logicamente que o fenômeno não se deu da noite para o dia. Antes de um ano de idade, meus cinco primeiros homônimos moravam no mesmo prédio onde eu vivia. Fora daí ninguém mais sabia de mim. Porque meu pai fez chantagem com os pais desses pobres meninos. Se revelassem o segredo de minha excelência genética, ai deles. Doenças terríveis, demência, vindictas extraterrenas.

Esses cinco homens abençoados tiveram a graça de nos visitar por acaso. Souberam do nascimento de uma criança num dos apartamentos do prédio e acharam aquilo digno de curiosidade ou zelo. A mãe seria uma garota de uns dez anos de idade. No mesmo dia nasci e moravam meus pais vizinhos à infeliz menina. Bateram os cinco curiosos à nossa porta, sob ameaças. Falaram de crime, barbaridade, desrespeito às crianças e coisas assim. Arrombariam a porta, se não lhes dessem passagem pacífica. Eu mesmo a abri, com a ajuda de uma cadeira. E conversamos inclusive sobre a hediondez praticada na mãe de dez aninhos.

Difícil é falar do espanto dos visitantes. Nenhuma palavra humana será disso capaz. Um me chamou de boneco, outro de bruxo, um terceiro de diabo. Meu pai me socorreu a tempo. Explicou tudo pacientemente, apesar da ira, do medo, do desespero, da impotência daqueles cinco zeladores. Negavam tudo, minha presença, minha palavra, meu gosto, minha existência, minha possibilidade, e arregalavam os olhos, gritavam, se esmurravam — quase loucos. Até que ouviram a primeira versão da chantagem. E de re-

penete fecharam os olhos, calaram-se, aquietaram-se — mansos e crentes de tudo.

Esses meus homônimos entram na nossa crônica de forma esdrúxula, porque nada os assemelhava a mim e a meus semelhantes. Nunca passaram de **meninos comuns**. De qualquer forma, tiveram sua importância um dia, quando foi decretada a eliminação de todas as crianças de nome igual ao meu.

Coitados desses meninos humanos! Numa só noite milhares deles desapareceram. Dos nossos, porém, apenas quatro ou cinco não escaparam ao ferro. Os salvos, também quatro ou cinco, refugiaram-se debaixo d'água.

Para os assassinos sua tarefa se cumpriu integralmente, enquanto nasciam outros semelhantes meus.

Sempre fomos minoria, apesar de em determinado tempo existirem vários milhares de **homônimos meus**, muito depois da chacina oficial.

Nasce-se como eu ou o comum dos homens. E isso não conseguiram entender nem os pais de crianças normais, nem os assassinos.

Passada a época da repressão, virei professor. Ora, apesar de ser uma questão de nascença o ser como eu, aprender é preciso. Apreendi muito com os homens, inteligentes e idiotas, pobres e ricos, orientais e ocidentais, selvagens e civilizados. Assim, resolvi passar aos meus semelhantes meus conhecimentos. Nada de meninos comuns. Esses não me compreendem. Fiz disso minha profissão durante alguns anos, até formar meus substitutos. Aposentei-me. E veio a decadência.

Alguns de meus alunos foram de imediato comprados a peso de ouro ou alugados aos nobres europeus e orientais, gangsteres americanos e tiranos da América e África.

Antes disso, porém, já compravam, a baixo preço, de pais pobres que não podiam enviá-los à escola e criá-los à nossa maneira. De meus oitocentos alunos nem todos estu-

davam às custas dos pais mas de seus compradores ou alugadores.

Depois da escola, dediquei-me simplesmente a pesquisas. O tempo passava e já existiam milhares de semelhantes meus, umas centenas maduros e alguns poucos quase velhos. Os compradores preferiam os adolescentes, de quem faziam preceptores de seus filhos. Com isso queriam fazer destes excelentes homens, para mais tarde vendê-los.

Os velhos também tinham boa cotação, em razão da experiência e dos conhecimentos adquiridos. Geralmente, porém, já viviam a serviço de filhos de nobres, burgueses e estadistas. Alugá-los, no entanto, era mais rendoso, porque o envelhecimento ou a morte repentina representavam prejuízos enormes. A menos que estivessem com saúde.

Durou algum tempo esse tipo de comércio. Depois as coisas mudaram de figura: só se comprava um semelhante meu para revendê-lo e não mais para criá-lo e fazer dele preceptor. A vez dos especuladores, intermediários.

As notícias de lucros fáceis, ao chegarem aos meus ouvidos, tocaram fundo minha fome de poder. Decidi comerciar também. E saí pelo mundo com o intuito de comprar meus melhores ex-discípulos. Estive no Oriente Médio. Os árabes não cediam suas mercadorias nem por mil barris de petróleo. Na Índia não as cediam nem por toneladas de filosofia. Na China não as trocavam nem por duas Formosas. Na URSS os burocratas não as trocavam por nenhuma regalia.

Numa Feira Internacional encontrei um eslavo velho, quase de minha idade. Seu preço, um absurdo. Noutro stand deparei-me com um africano negro na casa dos quarenta. Ser jovem compensava sua má qualidade ou origem. Um argentino de meio século de vida e peronista revelou então minha identidade e adeus sossêgo. Apareceram os comerciantes e eu acabei comprado. No leilão fui vendedor de mim mesmo. Vendi-me a um reizinho de uma ilha dos confins do mundo.

X X X

A P O C A L I P S E

Nós presenciamos sua mansa e serena morte, causa desta nossa imensurável tristeza. E mais melancólicos nos fizemos quando cavamos a sepultura e nela o depositamos. Ele está aqui, bem debaixo desta cruz de madeira, morto. Por acaso necessitamos da mentira para falar e continuar a viver? Por acaso não temos olhos de ver e ouvidos de ouvir? Evidentemente as entranhas da mãe-terra o engoliram, tementes de outras tantas vilanias. Pois atendemos ao seu pedido: “enterrem meu cadáver no mais profundo do chão, de forma a tornar impossível a exumação, quer para violentarem-no, quer para mumificarem-no, pois morro para não mais conviver com os meus inimigos.” Reunimo-nos todos, chorosos ainda, e, com ferramentas e forças, cavamos o mais fundo dos fossos e nele depusemos seu corpo. E aí ele está — morto, debaixo deste chão pisado pelo ódio de vossos tacões infames e maculado pela fúria de vossas picaretas, ó recavadores de buracos, caçadores de ossos. Porém aqui permaneceremos nós, dispostos a impedir escavações indevidas e violações de sepulcros. Se necessário, combateremos sobre este monte santo e ao redor desta cruz de madeira, armados de nenhuma arma embora, contra vossas profanas armas e vossas pesadas botas. E vós ficareis hipnotizados por nossas palavras. Pois diremos ter ele vivido dias e noites entre nós e nestes dias houve muito sol e nestas noites muito sono. Ensinou-nos ele escorrer do alto de nossas cabeças e do atrás de nossas nuças e do defronte de nossos olhos muita luz para iluminar e aquecer o mundo; bem dentro de nós habita a sabedoria, guardada em arca-da-aliança, razão só nossa e nunca, por isso, a ensinaremos a vós, nem a ninguém, enquanto reinardes, escavadores de túmulos e inquisidores de sábios. De mais a mais, prometeu-nos ele o futuro, cujo princípio se dará com a vossa morte. E se já ousardes acometer-nos, prevenimos: a cada investida vossa, corresponderá um grito nosso; a grito nosso, uma dor vossa, a come-

çar nos tímpanos e se espriaiar por todas vossas cabeças, as quais estourarão apodrecidas. E nunca terminareis vossa obra destruidora e morrereis raquíticos e perdidos em meio ao pó que se alevantará, ora por obra de vossas brutidões, ora de nossos gritos. E nós, após a vossa certa morte, desobrigados de guardar este túmulo, penetraremos as grutas e reencontraremos nas entranhas da terra a verdade que se escondeu debaixo de nossos pés desde o maldito primeiro dia do controle da superfície assumido por vós. E voltaremos aos espaços ora habitados pelas serpentes e pelos dragões. E faremos da loucura a regra única e inviolável da natureza, abrogadas já as vossas obras, ó ineptos inventores de leis. Mergulharemos como os peixes, voaremos como as aves, arrastar-nos-emos como os répteis, andaremos como as pernaltas. Redescobriremos as estrelas, as visíveis e as invisíveis, onde habitam nossos ex-irmãos, e lá reconstruiremos nossas civilizações destruídas pelo egoísmo. Tudo isto faremos tão logo ocorra a nossa ou a vossa morte, posto que, mortos, viveremos e, mortos vós, faremos da vida presente apenas o livro das fantasias. Como, todavia, não temos poderes sobre as vossas armas, apenas dizemos ser vedado a vós tocar em nossos corpos e neste chão debaixo do qual ele sumiu. Do contrário, faremos tão grande alvoroço que vós sereis tragados às voragens da terra, para serdes devorados pelos dragões da vossa abominação. E se, apesar de nossos gritos, conseguirdes matar-nos primeiro, por não alcançarmos fugir a tempo aos golpes de vossas picaretas e ao peso de vossas botas, ou por terdes sequazes nos quatro cantos da terra, ainda assim nos encontraremos com ele e, de onde estivermos, quer como luz, quer como energia, quer como gás, quer como odor, quer como voz, enviaremos nossos recados, através de outros ouvidos, outros olhos, outros narizes, outros corpos, dos quais faremos nossos semelhantes por todo o sempre, até não restar na terra e no espaço sequer um tacão ou uma picareta sujos de sangue. Pois a verdade a nós ensinada está no sangue, no suor, nas veias, nos ossos e nas carnes também por vós carregadas, porém com esse tédio

e esse egoísmo vossos, néscios que sois. E quanto mais nos enterrardes na terra, maior comoção ela sofrerá, a ponto de acreditardes tratarem-se de sismos e deles vos assustardes e, por momentos, temerdes o nosso poder, mortalmente angustiados. E, quando tiverdes massacrado a todos nós e só vós viverdes sobre a calcinada terra, esta de mais nada servirá, sequer de despensa para tacões e picaretas, pois nela não nascerão mais frutos, os rios secarão e os animais, famintos e sedentos, se lançarão aos mares sem fundo e aos abismos insondáveis. E vós, pobres donos do mundo, não mais tereis condições de viver e morrereis como bonecos, faltos de um sopro ou de qualquer outro alento. Então, livres, viveremos debaixo da terra, nos mares e labirintos, com os chamados monstros, e visitaremos a crosta como vitoriosos, quando faremos chegar até nós, ou nós até elas, as estrelas que nos iluminam e iluminamos, e reiniciaremos por outra vez uma nova era, nós, figuras deste universo tão desconhecido e temido de vós, nós, partes integrantes disto que tanto abominais.

ASSIM SEJA

Mal pulava da cama, já os joelhos de Hélio se acomodavam ao frio do chão. A mulher, Selenita, dormida, resmungava advertências. Aquilo não havia de fazer bem. Pneumonia pegava um cristão pelo pé e só largava com reza de padre velho. As me deixem nas pazes, éguas paridas, saíam como ave-marias cheias de graças, dedos ligeiros ao redor das contas do terço. Os olhos do devoto, grudados de sono, miravam o Eterno pregado.

A mesa, para o café com pão, bolacha e não, persignava-se três vezes, em nome do padre, do filho e do espírito santo. E enchia a boca de fumaça e massa, faíscas a saltarem-lhe das pálpebras inchadas.

No banheiro, na sala, na rua, se ouvia o nome Deus, louvava a vida e bumbava o coração. Na semana não havia domingo sem missa nem preguiça. Dormia feito um porco, a pança a roncar debaixo do lençol, a santa baba da paz a escorrer-lhe pela papada.

Antes da difícil e lamentosa foda das noites sem sono, mordida a língua de pedir perdão, enfiava nos dedos as contas do rosário, tempos e tempos em penitência.

Nisso iam eras. A da bunda suja na antiga sesmaria. A das putarias com cabras e jumentas. A da ligação com Dona Selenita. A das noitadas nos cabarés. Ora, o pai deu ao solar dos Figueiras ares de igreja, a mãe morreu beata. Dos filhos destes só o Hermano Gentil deu para herege. Um se fez padre, outra madre.

Enterrados os velhos Figueiras, herdou o varão Hélio a boa herdade e seus hábitos de séculos: a cama de dormir e parturir, a alcova de sonhar e foder, a morada de viver e mandar, o rosário da obrigação e o rifle da devoção.

Chegada a era da praga, os mil gafanhotos do Egito se apossaram da plantação feito lavradores do cão. Pediu Selenita a proteção dos santos em comunhão. Ordenou nove

novenas o dono do chão, da planta e da praga. Para cada semente, uma torrente de oração. E nem assim o tormento acabou.

Se nem Deus dava jeito na maldição, só o veneno podia salvar a situação. E mandou Hélio Figueira despejar inseticida no campo. Fulminados, os gafanhotos da perdição voaram para o inferno. Porém, desprevenidos, dois pequenos filhos do manda-chuva pararam de respirar.

Nes dias seguintes, os joelhos do devoto Figueira continuaram dobrados, os dedos ligeiros, os olhos bondosos, a boca balofa, a pança cheia de esperança. Amém.

X X X

ESSES ABRAÇADORES DA MORTE

Ao cimentar o último pedacinho de chão do quintal, o pai do inocente Joãozinho teve a primeira grande raiva de seu prodigioso filho.

— Por que você fez isso?

— Para acabar com os formigueiros, ora essa! Assim, elas (elas, quem?), as formigas nunca mais vão encher meu saco.

— Pois eu gostava muito delas.

O homem fechou a cara, datou seu trabalho, assincou, mandou o menino calar a boca e sumir.

A resmungar, guardou a colher, deu mais uma espiada para o antigo quintal e correu a lavar-se.

— Pai, quando eu crescer quero ser zoólogo.

O dono da casa só faltou correr nu pela casa. Não ia criar gente para estudar bicho. Mudasse de idéia imediatamente, se não quisesse apanhar.

A criança tremia de medo, chorava, agarrava-se à saia da mãe.

— Deixe de brutalidade, homem. Parece até que o coitado disse alguma heresia.

E não parou mais de falar. Quem sabe, o menino ia revolucionar a ciência, descobrir a origem do homem.

Seu primeiro livrinho dos animais, Joãozinho devorou num instante. Queria outros, mais difíceis.

— Esse nem de formiga fala. Ou formiga não é animal?

Vieram as enciclopédias e o futuro zoólogo aprendeu mais. Desejavam que falasse sobre tamanduá? Teve vontade de conhecer todas as espécies de tamanduás e necessitava de enciclopédias especializadas. Adquiriu-as seu pai.

Desconfiado dos ensinamentos enciclopédicos modernos, reclamou as obras antigas, raras, clássicas da zoologia. Relacionou-as: “Maravilhas da criação”, de Posser; “Histó-

ria Natural do Brasil”, de Marcgrav; “História Natural dos três Reinos da Natureza”, de Mourloup e Duval; “Climats, Geologie, Faune et Geographie Botanique du Brèsil”, de F. Liais. Redescobriu autores há muito esquecidos: Walppoeus, Martius, J. Luccook.

Passados uns trinta anos, sua mãe já morta, seu pai caduco, ainda lia sem parar, ainda gastava tudo com livros de zoologia. //livros

Desde há alguns anos se havia voltado para o estudo específico dos tamanduás. Gavetas, pastas, estantes, malas cheias de apontamentos. Prometia dar a lume o mais completo estudo sobre os tamanduás. Não uma enciclopédia mas um ensaio revolucionário que solucionasse para sempre a polémica: seu alimento natural, intintivo eram formigas ou cupins?

Não chegou a escrever o ensaio, porém um esboço dele publicou-o num jornal.

“Este animal, cujo nome é de origem tupi (tamãdu’á), é de natural admiração: é um mamífero desdentado, aliás o único desdentado verdadeiro, da família dos mirmecofágidos (*Myrmecophaga tridactyla* L.), segundo especialistas (e aqui reside toda a minha dúvida, como vou expor mais adiante, ou a parte mais importante de minha tese, posto ~~o~~ que mirmecófago quer dizer “que se alimenta de formigas”, e outros estudiosos afirmam alimentar-se ele de cupins). O tamanduá é do tamanho de um grande cão, mais redondo que comprido, de acordo com vários zoólogos, ou de corpo alongado, conforme outros, e o rabo será de dois comprimentos do corpo, além de preênsil, e cheio de tantas sedas, ou seja, pilosa, que pela calma, e chuva, frio, e ventos, se agasalha todo debaixo dele sem lhe aparecer nada. Outra característica sua está em que a cabeça é pequena, o focinho delgado ou longo e tubuliforme, nem tem maior boca que de uma almotulia, redonda, e não rasgada, e a língua prostrátil, delgada, comprida e cilíndrica será de grandes três palmos de comprimento e com ela lambe as formigas ou os cupins de //alg

que somente se sustenta: por isso mesmo, é diligente em buscar os formigueiros ou cupinzeiros, e com as unhas, fortes, embutidas nas patas, que são do comprimento dos dedos da mão de um homem o desmancha, tal qual um gato sobre ^{deles/} uma ninhada de ~~outros~~, e deitando a língua fora, uma língua finíssima, daí também o terem chamado os tupis de cum-biri, pegam-se nela as formigas, ou os cupins, feito moscas no mel, e assim ~~absorve~~, gulosamente, porque não tem boca para mais que quanto lhe cabe a língua cheia delas; ou deles. O Tamanduá, além disso, é de grande ferocidade, se atacado, e acomete muito a gente e animais. As onças lhe dão medo e ele também devota horror a esses felinos, tanto que, ao avistar tais carniceiros, deita-se de costas e abre os braços. A fera salta-lhe ao pescoço, crente de poder estrangulá-lo facilmente, e ele dá-lhe um apertado e furioso abraço, desesperado, e ou morrem ambos ou ela não escapa. É o chamado abraço de tamanduá. Têm-lhe medo, por isso, tais feras e os cães sobremaneira ~~de~~ qualquer coisa que tomam com suas unhas espedaçam; aos tamanduás, porém, não se comem, e ai de quem os comer, nem prestam para mais que para desençar os formigueiros ou cupinzeiros, e são eles, uns e outros, tantos na terra, que nunca estes animais os desbaratarão de todo. A menos que se tomem providências para a sua infinita multiplicação.

Pretendo brevemente resolver a questão do alimento básico, natural e instintivo dos tamanduás, a partir de alguns apontamentos. Se eu optar pelos cupins, o poeta Porto Alegre e seu poema "Colombo" estarão definitivamente destruídos. Pois todos hão de conhecer pelo menos estes versinhos:

"Hirsuto tamanduá soltando a língua
à formiga, flagelo da cultura."

Escreverei então o "Novo Colombo", quando arranjarrei versos como os seguintes:

"Peludo tamanduá soltando a língua
aos cupins, os horrores das alturas."

De uma forma ou de outra, terei cumprido minha missão e todos poderão me chamar de o criador da tamandualogia, o primeiro tamandualogo ou tamandualogista". Itawa

A publicação deste artigo, transcrito aqui em parte, foi o estopim da desgraça de João Formiga Filho. No dia seguinte, seu próprio pai o conduziu à força a uma clínica psiquiátrica. O Doutor Gentil diagnosticou: havia enlouquecido o promissor estudioso dos tamanduás.

Na imprensa, nas revistas especializadas em zoologia, na Associação dos Zoólogos, estourou a polêmica. Um ferrenho defensor da tese de que os tamanduás se alimentam basicamente de cupins culpou ~~os~~ formiguistas (designação pejorativa dada aos seus opositores) e às próprias formigas pela demência de João. Um dos difamados, em defesa de seus pares, chamou os cupinistas de gênios do mal, destruidores de talentos, inimigos da ciência e da sanidade. E aos cupins de depredadores da natureza vegetal e humana, praga inominável da vida. Um terceiro grupo, formado por estudiosos de formigas, cupins e outros insetos, desculpava formiguistas e cupinistas e acusava não a homens nem a insetos mas tão-somente aos tamanduás, esses abraçadores da morte. E explicavam: foram eles, esses monstros desdentados, que levaram o cientista João Formiga Filho à loucura. Sua pobre mente humana não suportou tantos amplexos de traição e padeceu sufocadã. E por que isso?

X X X

GESTA DO JABURU

De longe, todo cristão crismava de tapera aquela cabana, não fosse ela coito de capangas desses coronéis de meia pataca — fortim pelas armas em que se sustentava e pelos cabras que abrigava. E pra invadir tão bem arrumada arapuca, nada como a manha de um velho caçador de cangaceiros, neto de bandeirantes. Primeiro a obediência muda, porque palpite é coisa boa de dar, feito cascavel dentro de balaio. Fosse acreditar no que a vista enxerga, não tinha passado dos cueiros. Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém, a não ser a quem não os toma.

Coronel Pedro Ramos rabiscava no grande chão a estratégia que não traçou aos pés — um pra cá, rifle em ponto de bala: Cafinim; pelos fundos corresse João Birro; se postasse pra esquerda Zé Moreno; opostamente, Chico Preto; mais atrás perto ficasse Zé Luis. E Caetano? Arrodeasse a mira aos papocos, mas só na hora do sinal.

Cercava-me a casinha de Manéu Calixto.

X X X

Terreiro limpo, batido de pé de galinha, focinhô de porco, samba de sanfona. Ao derredor, gravetos velhos, empatando ver a mataria, pai e mãe. Romão e Tinha corriam bichos, cavalo atrás do boi, línguas de fora, espinhos que não tocavam gibão nem couro de rês. E nem viam os sete cavaleiros do outro mundo tomando conta das cercanias — relincho besta acabou com a brincadeira.

O boi parou o cavalo-vaqueiro, tudo virou verde, a mata estremeceu. Visage, sinha Tinha. Grito não saiu de nenhuma boca e o ensaio terminou pros assistentes.

O bando sem louvar nem rabicho, nem tungão, nem aboiador, rodeou Romão e Tinha e o coronel perguntou pelo dono do tijupá. Engoliram a língua, os moleques.

Nada se mexia no mundo: cabana fincada no meio do terreiro salpicado de bichos e povo, terreiro cercado de mato feito roçado, galinha, cabra, pato aqui e acolá, Romão pé ante pé, mão grudada na da irmã, coronel bigodudo, durão, em cima do cavalo, Cafinfin à moda de capataz, João Birro mais atrás, Zé Moreno na aba esquerda, Chico Preto na direita, Zé Luis assim meio com medo, Caetano caía não caía em riba do animal rodopiando.

Romão correu puxando Tinha pros fundos da casa e, na confusão, alvoroçados, sapateavam e relinchavam os cavalos de verdade. Não sei quantas veredas se abriram detrás dos cavaleiros, que uniram as ancas dos animais, formando um setepetrelo. Em upas e upas, fizeram um montão de capim descomido no meio do aglomerado, soterrando um galo escanchado numa galinha.

Os olhos do mato queimavam as ventas dos cavalos e da fogueira rescendia a tarde cedo. Correr atrás daqueles dois pestinhas. O coronel sofreu o capitão Cafinfin, homem corajoso como o diabo. No vai não vai, desgrudou-se a estrela do sete cabeças e o mundo virou uma barafunda. As de João Birro espantaram as galinhas, soltado nomes feios pelas fuças. A janelinha de espiar histórias de trancoso convidava Zé Moreno e seu fogo animal pra uma fugida. Entrar por aquela brecha aos emboléus. Melhor do que janela era o telhado de palha pro Chico Preto atear fogo. E Zé Luis saiu trotando, tremendo o chão, cercando o tempo de olhos. Caetano desapeou, correu pra um canto, acocorou-se e acendeu um cigarro. Não ia haver nada, não, seu povo!

O cavalinho e o boizinho ^{x x x} foram pra de junto do pai. Que diacho era aquilo, seu Deus do céu? Mané cruzou uma perna noutra e escorou as costelas no cabo da enxada. Cobrinhas correram com medo da estripulia. Iam era pro mato. Quem espera por tempo bom é vazante.

Não havia cuspe que melasse/línguas de papagaios, nem ^{aquela} cantador no mundo que ensinasse palavra àqueles capetas. E Mané querendo saber tintim por tintim uma história bem

de verdade contada por aqueles olhos de quem viu assom-
bração. Sacolejou-o cabrinha e a cabrinha e só via choro e /ava
latido do Paturi.

X X X

Atubibados pelo não sabiam quê, o coronel e seus cabras
vasculhavam as cercanias da terra. Existiram ou não hou-
ve/ um menino e uma menina? Um garantia que caipora
podia até ser. E pediram fumo? E só/ tinha uma lasca era o
Caetano, aquele peste, em tempo de desgraçar a vida deles.
Mandasse o coronel o metido pros infernos, antes que come-
tesse outra desavença. Fugir de lá enquanto fosse tempo.
O coronel até riu do despropósito — fugir com medo de as-
sombração, só se não tivesse nascido daquele jeito. Ou havia
debaixo daqueles tungões /que/ não fosse macho? Mostrassem
os ovos. Ou queriam vestir saia? Cabra seu tinha que ser
homem indo e voltando.

Nem caipora, nem caipira. Todo mundo no seu posto:
fulano aqui, sicrano ali, beltrano acolá, olho na tapera. En-
quanto um olhasse pra frente outro visse pra trás, se não
desse pra cada um enxergar pros dois lados ao mesmo tempo.
Ou despregar um olho da testa e grudar na nuca. Zé Luis
pestandeu: aquelas malfeitorias no organismo costumavam
cegar os viventes. Mas o coronel não queria ouvir bom-dia
a cavalo. A postos, porque deviam chegar homens/ de todas las
bandas. E, pensando bem, melhor era fazer como os cavalos
e se ajuntarem de bunda. Dava na vista e pegava mal. Ban-
do de bestas, aquilo não devia ser soletrado ao pé da letra.
Conheciam os parangolés da Bíblia? Que Deus o perdoasse
se dizia heresia. Entrassem de arriê pra dentro da cabana
e cada um assumisse um ponto estratégico: ele mesmo subia
pra cumeeira, Cafinfin vigiasse a porta da frente (levava a
primeira bordoadada, se os tocaiados resolvessem entrar sem
um oi de casa), João Birro se postasse à janela da frente, feito
moça donzela esperando príncipe encantado, Zé Moreno fi-
casse de tocaia na porta da cozinha, Chico Preto se recos-
tasse na janela do oitão da banda do sol, Zé Luis feito égua

na mira da janela da outra parte, Caetano no meio do caminho, mascando fumo pra caipora.

X X X

Na beira do rio, Cordulina esfregava roupa nas pedras, pernas de fora, cachimbo fumegando e de longe escutou a gritaria de Manéu. E a rédua de gente, de cabeça baixa, feito cassacos, se chegando. Inda mais aquela! Coisa mais parecida com desgraça! Fosse ver, era conversa de menino!

Cheia de espuma nas mãos (mãe vinha de mão branca), Cordulina pegava parelha com o rio. Na outra direção, os quatro gesticulavam e engoliam vento: cabras armados, do Coronel Chico Bento, com o diabo nos couros. Não podia entender patavina do que diziam aquelas matracas e papagaios na areia quente. Ciscavam a ribanceira. Mas não havia tempo a perder — ficassem rezando por sua alma que ele Manéu ia sozinho espiar que rebuliço era aquele. Não fosse só, não senhor, chorava a mulher, esperneavam os filhos, latia Paturi.

O Jaburu cabriolava dourado no meio da tarde.

X X X

Surgido da mata, um bicho avançou sobre o bando do coronel, pronto a tudo esfolar. Dedos ensebados nos pingue-
los, a artilharia preparou-se pra pipocar o ~~setão~~. A terra ^(seu) tremia na sezão da hora.

Um galo perseguia uma galinha feito um bar~~batão~~. ^{Pei. / batã}

X X X

Manéu apareceu na última curva do caminho, coragem apontada na mira dos pés, gato na hora de enfiar as unhas nas asas do passarinho. Miau, cabra safado. Pisava nos gravetos, feito sabiá enrabichado por cobra. Crau, crau. Fosse, seu bichinho, bicar a ponta do olho aceso da perdição!

Caetano pitava de olhos fechados, montado na carabina de derrubar sanhaçu. Manéu sofreu o passo, puxou a brida

dos pés, em tempo de engolir o cano da pica-pau cachimbenta. Boas-tardes, dona cobra. Sondava o estranho, que Paturi acuava. Calmasse lá, caçador de preá. Ia pra onde aquele cabra topetudo? Fazia o quê armado no seu caminho aquele papangu? Vira e mexe, o solzão esquentou os pés de Manéu e a carabina de Caetano. Largasse aquela porcaria e amarrassem as pontas das camisas. Como eram mesmo as graças de um e outro, ia indo, fosse com Deus.

Manéu deu um passo e mais outro e nem um espere aí. No seu lugar pitava e mais pitava aquele cururu de goteira.

Antes que uma bala plantasse sua cruz na beira da estrada, Manéu inventou de arriar as calças e entupigaitou no mato. Olhou de viés pra trás: Caetano chupava o fumo e resmungava. Que diabo andava querendo aquele cabeça de bater sola? Espiou pra um lado e pra outro, enfiou a carabina no sovaco e abriu a braguilha.

Cordulina, meninos e cachorro avistaram aquilo de longe. Não tinha jeito de Manéu. Fazia parte do bando, jurava Romão. Invenção mais besta! Cristão ariado, necessitando de orientação.

X X X

Manéu avistou a casa qufeta, no lugarzinho de antigamente. Mas que bicho era aquele em riba da cumeeira? Devia ser agouro. Ora, mais essa, é um mama-na-égua escanchado na janela, olhando o tempo.

Escondeu-se detrás de um jatobá. Bem capaz de ser verdade a história dos meninos. Zé Luis apontou a arma na sua direção e chamou pelo coronel. Os cabras do Jaburu estavam cercando o sítio.

Alarmados, os capangas largaram seus postos e, no vai-vem, esbarraram um no outro, entre a sala e a camarinha. Ia sair bala à-toa, quando o coronel despencou do telhado, feito um saco de farinha, e quase achatava o magote de cabras.

Na zoadeira, toda a mata despertou e Caetano, sem mais querer saber de conversa com Cordulina, correu no rumo da casa. Manéu ainda quis impedir que a família se metesse no salseiro, mas a mulher encambitou atrás do capanga, arrastando filhos e cachorro, e não ia ele ficar plantado detrás do jatobá, esperando o mundo pegar fogo.

No meio das palhas que arrastou na queda, o coronel limpava os olhos e a barba, atordoado. João Birro oferecia o lenço ao patrão, Zé Moreno perguntava se podia matar um cachorro que vinha latindo no rumo deles, Zé Luís escondia-se detrás do coronel e Cafinfim assumia o comando provisório da tocaia. Todos a postos: entrava no fortim, arrastando a arma, Caetano, seguido de Cordulina chorosa, Romão de pedra na mão e Tinha de olhos esbugalhados.

Refeito e raivoso, o coronel voltou a arma pros estranhos. Parassem na soleira da porta e dali voltassem, se não quisessem fazer a última viagem. Manéu, que chegava, se viu cercado de carabinas e gritos. Onde andavam os outros cabras? E o cachorro do patrão? Fossem logo arriando as armas, para evitar carniça. Manéu perdeu a fala, amarelou e Chico Preto encostou o cano em seus peitos. Ficasse pra um canto até que o patrão dele aparecesse. A mulher e os meninos batessem pernas, que aquilo não era briga de marido e mulher, não. Agarrados à saia da mãe, Romão e Tinha não queriam deixar o pai sozinho. Manéu recuperou a fala e chamou o coronel de patrão. Calasse o bico e respeitasse: Coronel Pedro Ramos não acoitava cabra frouxo. A fala escorregava pelos cantos da boca do dono da casa mas esbarrava no pedregulho das carabinas: não desse um pio e escapulisse, se não quisesse ir parar nos infernos. Ao menos arrumar a trouxa, carregar alguns cafiotes. Sim, mas aviasse e nada de manha. Conhecia muito bem aquela raça de bezerro desmamado. Quando menos se espera, o choro vira valentia.

O velho morador do Jaburu retirou-se, arrastando mulher e filhos.

O coronel, desconfiado, mandou Cafinfin e os outros vasculhar a região, à cata de capangas do dono daquela tiberna de sítio. Queria logo se apossar de mais um pedaço de terra. E gargalhava e permitia que os cabras se esgoelassem de rir.

X X X

Rompendo as fronteiras do Jaburu, Manéu arranjava explicações para o gesto do patrão: só se já caducava e não conhecia mais seus agregados, ou então andou escutando intriga de invejoso, ou, quem sabia, ficou doido de uma hora para outra e deu para tomar as terras dele mesmo. Ou estava com o diabo nos couros?

X X X

INSENSATEZ

Enquanto despejava o resto da terceira cerveja nos copos, Airton pigarreou e olhou para mim.

— Esse meu irmão é o gênio da publicidade.

Os três, ao mesmo tempo, agarramos os copos e, no engolir a bebida, perdi as iniciais palavras de Fernando.

— Jornalista frustrado, rabiscador de frases de encomenda, assessor da burguesia.

O primeiro soluço morreu nos corredores mal-assombrados do esôfago, tal o meu susto. Ora, para mim Fernando só podia estar feliz, por voltar ao trabalho e ao exercício da comunicação. Além do mais, pagavam-no relativamente bem.

— Não seja ingrato.

Pela calçada, os primeiros habitantes da noite engatinhavam, ainda farsantes, medrosos, macios.

— Olha que pernas!

Fernando não deu ouvidos ao irmão, nem desviou os olhos dos meus. Também neles não havia nenhuma cólera. Porém me fulminaram suas palavras de agradecimento por ter-lhe tirado a barriga da miséria, tê-lo livrado da futura companhia dos mendigos e devolvido ao convívio dos comunicadores.

— Nunca vou me esquecer disso, nem de você.

Airton continuava a farejar o rabo da noite, venta metida no copo, eu pedia a Deus que a língua dele inventasse obscenidades e fizesse Fernando olhar e cheirar e desejar tudo, menos relembrar o passado.

— Apesar disso, eu quero mesmo é voltar ao jornal.

A quarta cerveja chegou menina pelas mãos do garçom e se dividiu puta para nós três. Nem ela, porém, fez menos amargo Fernando.

— Você não pode nem pensar nisso. Eles são capazes de acabar com a imprensa para impedir uma coisa dessas.

Do outro lado da calçada, letras vermelhas pintavam no muro palavras que os carros não me deixavam ler. E eu olhava por cima dos ombros de Fernando, como se suas orelhas me interessassem. Ele as alisava de vez em quando, irredutível em suas opiniões.

— Lá eu me sentia bem, coerente comigo mesmo, apesar das porradas.

As luzes dos bares e lupanares atraíam as mariposas para o festim de todas as noites. E Airton se debatia dentro do copo, incapaz de voar.

— Onde está a incoerência da publicidade?

Fiz um último esforço para ler o mural que a noite apagava. Um automóvel engoliu-o, antes de se meter nos labirintos do ouvido de Fernando.

— Cuidado!!!

Os irmãos se assustaram e rimos.

— Eu queria acordar o Airton.

O garçom trouxe outra cerveja, ofereceu tira-gosto, insistiu até perder a paciência.

— O publicitário é um propagandista do supérfluo, um camêlo do capital. Quer dizer, é o leal conselheiro do rei, filósofo-bobo da corte, espécie vulgar de maquiavel.

Pedi outra cerveja e a opinião de Airton, embora nenhuma das duas pudesse fazer Fernando se acalmar. Pelo contrário, quanto mais bêbado, mais se tornava amargo, e quanto mais enaltecido, mais se autocriticava.

Airton voltou a chamá-lo de inteligente, a ponto de pensar pelos burgueses. Talvez ironizasse, talvez só falasse besteiras.

Fernando sorriu. Sim, era mais um dos filósofos da burguesia. Apenas não escrevia ensaios.

Irritei-me e de nada serviu minha irritação. Acusou-se de crápula. Aliás, não sabia a diferença entre ser e estar

sendo. Tão sutil a diferença que outros podiam apenas estar sendo, enquanto podia ser o próprio.

Não, nem ele era nem estava sendo crápula. Éramos apenas empregados da burguesia.

Feriu-me. Eu ia terminar advogado de torturadores. Não entendi de imediato a frase. Explicou-me: sendo o publicitário e o torturador ambos meros trabalhadores, não são responsáveis por seus atos, porque mandados. E não podem se recusar a cumprir suas tarefas, sob pena de demissão.

Chamei-o de simplista. O torturador era um criminoso pago pelo Estado ou por grupos do Poder, enquanto o publicitário um intelectual pago por agências de publicidade.

Concordou comigo. Apenas não abria mão de chamá-los de assessores do Poder. Ou instrumentos.

Fernando fazia questão de se torturar, de se proclamar um laçao do capitalismo. Tive vontade de mandá-lo plantar batatas ou virar gerrilheiro. Mas seria encerrar o assunto e eu queria ajudá-lo. E meti o jornalista no meio. O profissional que se sujeitava a trabalhar na imprensa burguesa. Sem falar, é claro, do que comunga com as idéias do dono do jornal. Era eu não um assessor do Poder?

Atingi-lhe o calcanhar. Perguntou se suas reportagens serviam ao Poder. Claro que não. Do contrário, não teria sido mandado para a rua. Logo, tornava-se impossível a coerência do jornalista consigo mesmo na imprensa burguesa.

Não havia salvação.

O assunto se esgotou aí e logo mais nos despedimos.

Encontramo-nos de novo, passado quase um mês. Parecia outro. Abraçou-me com euforia, mostrava-se alegre, otimista, satisfeito com o trabalho. Andava às voltas com a criação da melhor campanha de sua vida. Coisa de deixar qualquer gênio da propaganda com inveja.

De início, mantive-me reservado, embora procurasse retribuir a euforia. Supus estivesse me provocando. Não se tratava disso, porém. Nem uma só palavra sua soou falsa. Falava de dentro mesmo.

Interessei-me pelo título da campanha, pelos textos, por tudo e ele me encheu de informações. Tratava-se de uma campanha patrocinada pelo Sindicato dos Produtores de Massas. A população ia trocar a carne, o arroz, o feijão, o leite pelo macarrão. Eu ia ver o povo gordo.

Não toquei na discussão passada, atento às suas palavras, feliz com sua felicidade, olhos mirados nele, quase sempre, ou nas muitas folhas de papel que carregava. Nelas trazia anotadas frases, textos, poemas, tudo relacionado ao novo trabalho.

Convidou-me a acompanhá-lo, sem dizer para onde ia, e fomos. Apenas a caminhar pelas ruas, feito dois vagabundos. E falava sem parar, como se toda a fala do mundo desaguasse de sua boca. Até aí, porém, nada de imaginar isso ou aquilo. Se me ocorreu alguma idéia, foi a de sempre — que cérebro aquele!

Ao avistar um conhecido, chamou-o. O rapaz assustou-se, escondeu-se e só não se perdeu de vista devido o faro de Fernando. Talvez não fossem tão íntimos para uma cena daquelas. Além do mais, meu amigo havia se tornado mais conhecido por sua prisão, embora assinasse reportagens polêmicas. Estranhei a cara de espanto do outro e mais ainda os modos de Fernando. Pois, sem qualquer preâmbulo, pôs-se a repetir aos brados os motivos de sua alegria, a reler os manuscritos da campanha do macarrão. Para livrar o sujeito do embaraço, apresentei-me, dizendo-me amigo “desse grande Fernando Darque”. O malandro se aquietou. Logo, porém, alegou estar com pressa e se retirou.

Por um instante pensei em perguntar a Fernando se não achava ridículo chamar alguém aos gritos no meio da rua e, sobretudo, ler aquilo.

Nem bem arranjava palavras para a sabatina e lá apareceu outro conhecido. O mesmo vexame, a mesma lengalenga, macarrão aqui, macarrão ali e o sujeito a se aborrecer, pedir licença para se retirar.

A essas alturas, não me restava nenhuma dúvida mais sobre o destino de Fernando. E, para fortalecer minha convicção, convidou-me a comer macarronada, embora tivéssemos almoçado fazia coisa de uma hora e fôssemos ambos avessos a massas. Procurei-lhe no rosto qualquer sinal de brincadeira e só alcancei a insistência para o convite. Se eu recusasse, não contasse mais com sua companhia e muito menos com sua amizade. E procuramos um restaurante e o encontramos e fiz das tripas coração para nem sonhar com uma indigestão.

Mal começou a comer, chamou o garçom, gabou-o, quis saber do nome do mestre-cuca, dos cozinheiros, deixou a mesa e correu à cozinha a enaltecer os empregados. Saí em seu auxílio, temeroso de mal-entendidos e, a piscar o olho para o pessoal, conduzi-o de volta ao salão. Nisso, o proprietário se apresentou. Para quê? Fernando se encheu de mais falas, fez o elogio da casa, da comida italiana, das massas alimentícias, do trigo, das fábricas de macarrão, sob os olhares espantados dos clientes famintos e do gordo dono do restaurante.

Só me restava pedir a conta, pagá-la, acrescida de boa gorjeta, inventar um compromisso urgente e conduzi-lo à rua.

Nunca deixei de me preocupar com Fernando, apesar de não o ter visto mais com vida. Andei ainda a procurá-lo na agência onde trabalhava, nos jornais, por toda a cidade. A correria do dia-a-dia, porém, logo ocupou meu espírito de outras preocupações. Quando parei, já não me restava fazer nada, a não ser lamentar a desgraça. E talvez não o salvasse, por mais que o seguisse, guiasse, guardasse. A loucura já o dominava. Pois não está louco quem armazena macarrão, por temor de sua escassez no mercado? É mil vezes insensato quem se joga a um panelão cheio de água fervente e deixa o bilhete: "sirvam-se, que estou bem cozido"?

X X X

M I M O

Moisés se enfeitou de bigodes e gestos para impressionar as multidões que o aguardavam ciosas feito fêmeas. Calçou as grandes botas de ferro e ordenou aos pajens se ajoelhassem para o polimento. Tirassem a ferrugem toda. Como para adorar as sombrias pernas do Chefe, curvaram-se todos apressadamente, fazendo estrondar o chão. Alguns ainda se lembravam do ritual. Outros, de tão velhos ou de tão jovens, amassaram as magras e caludas mãos no espelho do piso e fizeram sangrar as línguas ressequidas. Os muitos anos de sossego no Armário dos Calçados, deixaram envelhecidas as botas. Quase irreconhecíveis. A memória dos antigos pajens, porém, acordou de súbito e as rejuvenescidas botinas caminharam pesadas debaixo do Chefe. O óxido se lhes havia acumulado feito lixo.

Primeiro as mãos se pintaram da cor de barro e cresceram, como se inchassem. Depois os lábios e as línguas se transformaram em caretas sujas. Por último as escovas e flanelas fizeram rodopiar pelo salão uma poeira de indefinida cor. Nas botas o brilho se fez logo, logo, como se de ouro fossem. E, quando a luz deitou-se sobre elas, os reflexos se espatifaram pelas salas do Palácio, como se anunciassem um Novo Dia. Os mais jovens se assustaram e caíram desfalecidos. Porém Moisés permaneceu impassível às reações da pajeada. Cabeça e pés enfeitados, vestiu a batina parda e de helicóptero se dirigiu à Praça das Proclamações.

Conduzido em liteira, por sessenta e quatro negros reluzentes, o Chefe subiu ao púlpito-palanque. A orquestra, a cem metros do chão, fez troar hincs alarmantes. Invisíveis objetos partiram na direção da Lua, a levar acordes misteriosos.

Coberto de galões, Moisés parecia um todo-poderoso Marechal.

Clamores subiram aos céus como vociferações infernais. Escureceu e o pisca-pisca das lâmpadas incandescentes ar-

rancou dos peitos e gargantas urros de histeria. E teve começo a pregação. Que a utopia jamais renascesse sobre a face da terra, nem no interior das cavernas, grutas e labirintos, nem além das fronteiras de nossa visão. Esmagada para sempre, como serpente secular. Ele, o Arcanjo São Moisés, a tinha esmagado.

O povo se petrificou por um minuto. Moisés gesticulou mais, como se ensaiasse um concerto, mudo, e a multidão voltou a urrar. E a pedir mais vociferações contra os fantasmas. Mais, mais, mais. O chão molhou-se de suor do embrutecimento.

A prédica terminou abruptamente. Cataclismo a abalar os alicerces do mundo. Moisés desapareceu de vista, como se eclipsado. Simples encenação?

Porém nem mais tarde, nem no outro dia, nem nunca ninguém soube que mágica se deu naquele momento. Nenhum do povo, no entanto, ousou fazer ao seu vizinho, ao seu mais próximo, ao seu par, a pergunta criminosa, maldosa, ignominiosa. Nem em sonho. Talvez os jornais explicassem. E seria preciso ler e pensar. Quem sabe a televisão. Bastava ver e ouvir.

As multidões se dispersaram, como de costume. Seguiram miúdas por entre as colunas de mármore da gigantesca cidade. Rijas, retilíneas, mudas. Longe, no espaço, pássaros de aço varavam as imensidões, conduzidos por pilotos perdidos, em busca do Além.

Nos museus, extintos animais pastavam o passado. O povo os saudavam. Moisés assassinado? Um absurdo! Mas os absurdos não mais existiam. Morto de velhice? E por que não o disseram? Seu coração de plástico emurchecido? Lamentável!

A História nada revelou. Moisés, utopia de alguns pensadores. Personagem de farsa. E para que acreditar fossem renascer as utopias, se soterradas por séculos e dita morta para sempre? Ora, a ressurreição, essa outra utopia, também jazia impressa no Livro dos Mitos.

MOISÉS E O MUNDO

Antes do trovão, aquele ronco medonho dos deuses, faiscas gigantescas incendiaram, num átimo, o céu e a terra. O mundo pegava fogo, feito coivara.

As portas e janelas do castelo se abriam e fechavam, empurradas pela ventania e pelo medo. Gritos de assombro e socorro ensurdeciam Moisés. O bom rei seu pai dava ordens aos servos, a severa rainha não se controlava e o alvoroço foi mui grande na corte. E, por esta razão, a filha del rei, que havia nome Sofia, veendo o grande mal e destruição que vinha aa terra, jogou-se aos peitos de seu irmão, derretida em lágrimas e lamentos.

E, abraçados, como se se unissem na desgraça, correram ao mais subterrâneo dos pavimentos, em busca de refúgio.

Sofia, ao perceber as más intenções de Moisés, tentou fugir, gritou, porém o mundo se acabava e de nada adiantava resistir. E rendeu-se.

— Fiiinha, rogo-te que aquêlo que nunca entre mim e ti passou, que passe agora.

E retirou Moisés uma a uma as vestes de sua bela irmã. E entom britou o cadeado que guardava a buceta de Sofia com sua mão, ca nom houve i nem ùu outro que o ousasse britar. E pôs-se a farejar aquelas carnes ~~cruas~~, feito o cão da fome, a abrir em duas bandas a maçã proibida.

— Nom queira Deus que todo seja verdade quanto os velhos disserom! E como cuidades vós que esto nom era julgado per mim? E, des hoje mais, nom havemos por que nos queixar, pois já é feito, ca nom pode seer que já nom seja esto que é.

Nisto, o jovem Moisés sacudiu o lençol, para tanger as primeiras moscas e os fantasmas, e arregalou os olhos, em busca do dia que de fato principiava.

— Porra.

De entre suas coxas, um imenso canhão apontava para o teto. Apalpou-o. Uma gosma fedorenta tingia o lençol aqui e ali.

— Culpa dela.

Pôs-se de joelhos em cima da cama. Deus, qui per resurrectionem Filii tui Dómini nostri Jesu Christi, mundum laetificáre dignátus es; Praesta, quaesumus, ut per ejus Genitricem Virginem Mariam perpétuae capiámus gáudia vitae. Per eúmdem Christum Dóminum nostrum. Amen. Do lençol maculado modelou, à sua imagem e semelhança, uma alva mulher enrugada e torta. E, sem machucá-la, como se devesse a adorasse, levou as ardentes mãos ao rijo membro e, de tanto brandi-lo, fê-lo vomitar as amarelas babas do gozo sobre a inanimada figura de pano. E caiu de bruços, a lambuzar-se na lama de sua carne.

No rádio da sala, o locutor anunciou um tiro no ouvido do Presidente. No mesmo instante, bateram à porta do quarto de Moisés.

— O que é, mamãe?

— Acorde, homem.

X X X

O DESAFIO DE FACUNDO

Vicente ria, porque me via apreensivo, toda vez que o bebedor de coca-cola se aproximava de mim.

— Você está com medo desse doido?

Eu realmente demonstrava inquietação, bastasse ver o maluco da rua.

Meu interesse em conversar com loucos é puramente literário. Prefiro observá-los de longe, descobrir suas manias a luneta.

Com o bebedor de coca-cola afoitei-me.

— Por que você bebe tanto isso?

Sua resposta me deixou tonto, perplexo e, ao mesmo tempo, penalizado dele: é para me lavar por dentro. Ando sujo, como todo mundo. Não bebo cachaça, com medo de perder o juízo.

Antes de se embriagar e se tornar triste, revoltado, pessimista, Vicente passava por duas fases: na primeira parecia alegre, contava seu mais recente passado, o dia findo, a semana, no máximo; na segunda se achegava ao mais presente do presente e até arriscava prever os próximos minutos.

— Eu quero é cegar da gota-serena se o Helvécio não estiver falando mal de mim. Quer apostar?

Numa dessas olhadas para o seu derredor, quis saber minha opinião a respeito do dono do bar.

— Um tipo quase pitoresco, como aquele doido que bebe coca-cola como se bebesse cerveja.

Gostou do pitoresco e do resto da frase mas não podia esperar uma resposta como aquela. Porque existem tipos interessantes em demasia. Eu mesmo podia ser tido como um deles. E se perdeu num labirinto de considerações e descrições, esquecido já do próprio Helvécio.

Antes de abrir a boca, eu havia estruturado outra frase: um judeu dos primeiros tempos do capitalismo. A figura

do maluco me surgiu ao imaginar um judeu europeu dos séculos passados e resolvi não pronunciar as palavras inicialmente escolhidas, apenas para evitar que Vicente passasse a discursar em voz alta: a merda desse capitalismo...

Não sei se antes ou depois disso, Helvécio denegria alguns de nossos conhecidos, dentre eles Vicente.

— Um bebarrão ignorante. Fala de todo mundo e não repara nem as dívidas que faz.

Não me pediu opinião. Apenas parou de esbravejar e se pôs a olhar para mim, como se me inquirisse: é ou não é?

— Eu não compro fiado mas também meto o pau no governo.

Achei por bem não me referir diretamente a Vicente, nem tocar em bebida, apesar de as palavras engolidas terem sido: “Bebarrão, não, porque, se for assim, seus filhos são bebarões também.” “Não insulte meus filhos, veja como se expressa:”

— É, mas você não fala à toa, sabe distinguir o certo do errado.

Aquela minha audaz indagação feita ao doido, arranjei-a e aprimorei-a durante mais de um mês. A primeira versão dizia: você gosta dessa porcaria? Talvez ele não a entendessee e até ficasse calado. Podia imaginar que eu me referisse à sua vida. Ou mesmo à cidade, ao bairro, à rua onde morávamos. Modifiquei-a, a seguir, para: você gosta de beber essa porcaria? Se ele bebia, era porque gostava de coca-cola ou porque gostava de bebê-la. Poderia me responder simplesmente; gosto, e eu não saberia de que gostava.

Fui reconstruindo a pergunta: por que você gosta de beber essa porcaria?, por que você gosta tanto de beber essa porcaria?, por que você bebe tanto essa porcaria?

O não mencionar o nome da bebida grudou-se-me feito uma nódoa na camisa e bastava ver o pobre doido para me sentir alvo de sua loucura. Poderia me rachar a cabeça com

uma garrafada. E Vicente fez a pergunta como se me acusasse de um crime. Não olhava para meus olhos ou minha boca mas fitava meu peito, como se ali estivesse o segredo, a solução. E ria sempre, como se suas palavras ecoassem: medo medo medo.

Ri também e me controlei. Organizei a resposta: a loucura só dá medo ao sistema.

Tencionava discorrer sobre a relação entre poder e anarquia, ordem legal e desordem social. Um discurso violento e radical e calaria a boca dele. Nenhuma ordem temia o discurso anárquico de qualquer bebedor de cerveja. O álcool dos rebeldes não incomoda a lucidez dos poderosos.

— Andei mexendo com ele.

— Tirou coca-cola da boca do coitado?

— Não sou perverso. Seria o mesmo que tomar mamadeira da boquinha de nenem.

Muito mais tarde, compreendi a vulgaridade dessas duas frases e imaginei um diálogo inteligente, a partir da segunda indagação de Vicente, se houvesse respondido assim: o tratamento dado por um homem rico a um pobre, estudado a um rude, de alta estatura a um de baixa, etc, é comumente maléfico, por mais humildes que sejam os primeiros. Há sempre perversidade nessa relação, por mais humanistas que sejam o burguês, o diplomado, o gigante. Porque analisar, estudar, perquirir, tentar conhecer outrem é, em essência, um ato bárbaro, egoísta, desumano.

— Então, o que você fez?

Se outro o rumo dado por mim à conversa, qual a importância da especificidade de minha ação? O egoísmo existe na mãe ou na babá que corta ao meio o prazer bucal da criança, no burguês que dá uma esmola, no intelectual que se compadece da personagem, sua ou de um romance, que nunca bebeu champanha, no homem que alisa os cabelos do menino.

Esperei eras pelo momento de ver no bar do Helvécio o Vicente e o doido. Minha intenção: embriagá-los e fazê-los

abraçarem-se, ao som de um baião. O cenário: fotos do Padre Cícero, da Seleção Brasileira e aquele imenso cartaz da Coca-Cola. Não seria apenas a encenação. Eu fotografaria o instante para capa de um romance: "O Reino do Verbo".

Ao vê-los, não paguei nenhuma bebida.

Desafiei-os para uma partida de bilhar. Os três contra eu.

O FOGO E A LUZ

Porque suas palavras vieram voando no brilho dos olhos, correndo nas batidas do coração, deslizando no suor da pele, cantando na carícia de todo o corpo dele, eu me fiz nuvem e desfiei-me ad/chegar, aceitei-me chão e espichei-me ao seu retorno, constitui-me árvore e me deixei lamber pela sua maciez, assumi-me natureza e atentei para a sua melodia.

Contou-me tudo, todo aquele passado, aquele tempo curto em que se deixou enfeitiçar pela beleza solta que passava pelas ruas. E conversamos longas horas, amargurados de sermos tão vulneráveis, maravilhados de podermos renascer das cinzas. Compreendeu e compreendi que paixão é morbidez, fogo de artifício, às vezes fogo fátuo. Não vai além do vô mais alto, não suporta gotícula de luz. Rosana era um fantasma de braços estendidos ao tempo. Não se manteria ao menor teral, ruiria como a marmota do arrozal.

A sedução de uns olhos de serpente pode encantar qualquer passarinho perdido mas não ata nenhum pássaro de vô mais arrojado. Rosana era essa beleza insuportável que laça qualquer cristão solitário.

A quem atribuir a culpa pela queda dele, se não somos o primeiro casal? Ao contrário, mais um nesse enxame do século XX.

Coitada de mim que não sabia o fogo que ardia no peito dele e nos queimava aos três como a bruxas de repente arrodadas de batinas. E vão dizer que mulher é bicho astuto, possuidor de não sei qual outro sentido, encarnação do diabo. Ele, sim, foi mais inteligente do que eu e me pode esconder sua loucura até que seu próprio desengano o fez revelar-me todo o seu transe. Não por compaixão de mim ou por remorso mas porque anteviu a fragilidade daquele amor nascido do sonho.

Ele queria a mulher imaculada, bela e terna, eternamente jovem e infinitamente amorável. E construiu sua

quimera a partir do primeiro corpo belo que encontrou adiante.

No começo veio o acaso de ver diante de si, risonha, calorosa e esvoaçante, aquela fêmea a um tempo comum e singular. Depois foram os risos, as conversinhas fúteis, cigarrinho praqui, cafezinho prali, caronas, chopes e o fogo correndo as entranhas dele, devassador e tirano. Cuidou, bebia para recriar a imagem dela na retina acesa, dormia pouco para mais ~~p~~nsá-la, sonhava muito para mais senti-la dele. E me chamava de Rosana no meu ouvido com a língua ardente e eu entendia querida. E me olhava estranho da cabeça aos pés e eu suspeitava o remoçar da paixão antiga. E me abraçava tentacular e poderoso e eu pressentia um filho em seu desejo de monstro. E me beijava louco e eu desmaiava de ternura. E nunca compreendi amor tão desleal, tanta astúcia ou tanta necessidade de enganar-se.

Ele era todo um espoucar de fogos, intensa claridão a sobrevoar-me a vida, constelação em constante pisca-pisca. Esperava tudo dela, o que não fui, o que não sou. A dos bosques, fada verde, deusa rebrilhante. Misto de mito grego e americano. Amor que nunca se esvai, taça inquebrável, voz de veludo.

Ele era só a luz que banha a terra, claridade que me circundava a fronte, incêndio queimando os campos. Tudo o que nunca foi, tudo o que não é. Porque somos mulher e homem, somos daqui desta cidade de esgotos e ratos, de assassinatos e fome, de mansões e choupanas, de cachaças e champagnes, sangue e ossos que se buscam, caminheiros incertos dos becos escuros, o copo que se quebra na cozinha, o grito que salta dos dentes na hora necessária.

Talvez eu seja mesmo astuta e disso não ~~sabia~~. Quem ^(sabia) sabe, eu sabia de tudo e não dizia nada para não fazê-lo explodir no alto e esborrachar-se feito sapoti que cai do galho ou apagar-se em sua escuridão? Porque não me revoltei quando tive que ouvir aquela ficção de amor tão bem bordada. Simplesmente ouvi e analisei com ele o transe daquela pai-

xão tão majestosa. Não havia nada a lamentar nem a vingar. E ele não teve vergonha de escancarar a alma, nem eu de encostar meus ouvidos no seu peito roto. Ia eu brigar numa guerra acabada? Aceitei a derrota dele como lição. Não como castigo, que ele não me desamou. Nem Rosana era a inimiga minha ou dele. Era objeto, palha que se joga ao fogo que nos incendeia. Conheci-a e vi-lhe a candura incrustada no bonito de seus olhos. Somos quase amigas porque sei das águas que ela lançou sobre o peito dele, amargurada de ser tão dupla assim — palha e água. Se culpa tem, é de ser ninfa até aos olhos meus. E se a culpa é dele, é por ser louco e apaixonado pela vida.

Mas é dia e o fogo é morto nos meus campos.

No meio da festa, vou soltar fogos.

O GRANDE JANTAR

O Barão John Food ofereceu um lauto jantar a todos os seus amigos de nobreza, nacionalidade e credo filosófico, em homenagem a Francesco Távola, pai de seu grande amigo, o Padre Giordano Távola, seu confessor e confidente. Presentes todos os convidados, abriu a cerimônia com muita seriedade:

— Este será o maior jantar já dado na face da terra, maior do que o da multiplicação dos pães. Não em quantidade de convivas ou de pratos mas em seu significado. Aqui vamos comer, simbolicamente, todos os evolucionistas, todos os naturalistas, todos os hereges, todos os descobridores, todos os inventores. Todos os revolucionários, enfim. Jantaremos apenas carne. Somos carnívoros. Jantaremos um bode, como se fosse Pierre Bodée, representante de todos os nossos inimigos, desde Demócrito, até Darwin. Um bode expiatório.

— E quem era esse francês? Intrometeu-se um príncipe russo.

— Um experto em doutrinas revolucionárias, respondeu o Barão. E, dirigindo-se a Giordano: Correta a conceituação, Reverendo? Como se dissesse: fale agora, padre, que eu não sei dizer mais nada.

— Corretíssima, ilustre Barão. Basta dizer que ontem, quando conversávamos a respeito da chacina praticada pelos índios contra meu saudoso pai e seu companheiro de expedição, ele teve a petulância de dizer que os selvagens são seres humanos e não seres inferiores. Para ele, estes bichos são homens, apenas inferiorizados materialmente a nós, eis que suas sociedades simplesmente se encontram num estágio mais atrasado do processo histórico, não significando isto inferioridade biológica ou racial. Citou até os nomes de tribos já destruídas a bem da civilização, como uns tais incas, aztecas e maias, as quais seriam muito superiores às sociedades de certos povos, como os orientais da Europa.

Ao ouvir isso, o príncipe russo balançou as orelhas, irritado.

— Essa víbora a serviço do mal, continuou o padre, teve a ousadia de negar diante de nós que os índios sejam simplesmente animais mamíferos e bípedes da ordem dos primatas, embora superiores aos macacos, como os bárbaros e os negros, porém de uma ferocidade felina.

Como o discurso não terminasse, um conde romano cochichou ao ouvido de uma princesa alemã, confundindo-a com o orador:

— *Brevi esto et placebis.*

Não sendo o religioso a princesa, continuou no mesmo ritmo:

— A discussão teve início quando cheguei e anunciei meu desejo de manifestar publicamente nosso repúdio às medidas nefastas que vêm tomando os governos europeus, ao enviarem para as regiões desconhecidas da civilização, para as selvas habitadas por feras de todas as espécies, inclusive esses tais índios, nossos filhos, imolando-os à sanha feroz dos animais irracionais, preocupados que andam apenas com encontrar ouro e prata, *auri sacra fames*, quando devem, em primeiro lugar, enviar expedições que exterminem *manu militari* essas feras, limpando o caminho para os exploradores. E, para fazermos essa campanha gigantesca, faz-se necessário uma invulgar divulgação do massacre da expedição dirigida por meu saudoso pai. *Ad perpetuam rei memoriam.*

Enquanto o padre falava, e parecia que se encontrava em púlpito, os convivas devoravam o malsinado bode.

— Monsier, passez-moi le omelette de testicules de bouc. Grand merci, solicitava um exaltado general francês.

— Mas lembre-se, Reverendo, interveio o barão, de que eu não concordo inteiramente com suas opiniões a respeito dos índios. Acho ainda que eles são seres humanos, apenas inferiores a nós, estando, desta forma, predispostos a servirem como escravos nossos, podendo serem domesticados, porque, na verdade, não são feras.

— E por que então eles fizeram aquela comilança, aquela orgia demoníaca, bárbara, animalesca, selvagem?

— Ora, isso é um caso a ser estudado. Creio que seja esse justamente um dos aspectos da inferioridade deles.

— Não venha me dizer que aquilo tenha sido mero resultado de uma guerra entre nossa expedição e eles, da qual tenhamos saído perdedores por uma questão numérica, resultando numa matança geral, como disse aquele francês. *Anatema sit.*

O general, ainda a deglutir festículos de bode, quase se engasgou.

— E onde está o francês?, voltou-se o príncipe russo, interessado também no fim do inimigo comum e em socorro de seu franco amigo.

Nisso, bateram à porta com estardalhaço. Os convivas se assustaram, empurraram seus pratos para o centro da mesa, ergueram-se de suas cadeiras a um só tempo, entrechocaram-se, como se se perguntassem: “será o francês?”, e se voltaram para a porta, à espera do desenrolar dos acontecimentos.

Abriu-se a porta e eis que, *deus ex machina*, um estranho e robusto jovem, com trajes de guerreiro, de um salto, trepou à mesa, pisou os pratos sem preocupação e, *ab irato*, com ímpetos de orador, pôs-se a discursar:

— Meu filho, voltei. Vim participar do grande jantar e contar o que se passou comigo e com meus companheiros de expedição.

— *Ecce homo!* gritou o padre.

— É este o francês? perguntaram os convivas, descrentes das palavras do impetuoso intruso.

— Não, é meu pai, respondeu Giordano.

Pegos de surpresa, os glutões quase derrubaram a mesa do susto que tomaram e por um nada não levaram ao chão o pai do padre.

— *Cave ne cadas*, gritou o reverendo.

— *Qualis pater, tales filius*, disse o barão, a imitar seu confessor.

— Um dia, continuou Francesco, não sei por que cargas d'água nossa nau naufragou nas costas do Brasil. Ora, aquela era a minha terceira viagem ao Mundo Novo e, como comandante de expedições, sempre fui bem sucedido, embora ocorressem frequentes naufrágios. Mais da metade do pessoal da tripulação morreu afogada e devorada pelos peixes. Os que se salvaram das águas e dos bichos marinhos, ao chegarem à terra firme, foram calorosamente recebidos pelos selvagens, que outra coisa não fizeram senão comê-los. E eu entre eles, eu que sempre enfrentei índios e venci, eu que sempre petrifiquei índios com um simples olhar, um grito, uma bugiganga.

Meus concidadãos...

— Je suis russe, gritou o plenipotenciário do Czar.

— ... não resta a menor dúvida: *homo hominis lupus*, como disse Plautus. O homem se autodevora não individualmente mas como espécie. Vejam as guerras, as revoluções, as tiranias. A antropofagia será resultante da fome ou da vingança histórica de um povo contra ^{outra} ou de uma raça contra outra? Não sei. Ora, os índios têm animais pra caçar e comer e peixes para pescar e comer. Assim, como não pensarmos no racismo? Sim, o racismo engatinha ^{na sua fase} ~~no~~ cruel. Dias piores virão. Teremos então guetos, campos de concentração, fornos crematórios. Ou estarei enganado e a antropofagia será resultante do sadismo humano ou dos costumes milenares de um homem comer outro?

Ainda sinto o meu esquartejamento. Aquelas bocas gulosas e dentuscas, mas nada sensuais, a me comerem. Ainda ouço os gritos de alegria histórica, o rufar dos tambores comemorando a conquista fácil. Ainda vejo as danças macabras ao nosso redor. Aquelles índios pela primeira vez devoravam brancos. Como satisfação final, gritamos, em uníssono, para eles: *hodie mihi, cras tibi*. Inúteis palavras. Ora, se índio falasse latim, o papa seria pajé. E o banquete continuou.

A partir daquele dia a tribo não mais esqueceu o grande jantar de carne de branco. Desde então os índios passaram a viver na expectativa de um novo naufrágio, no aguardo de um outro fato como aquele, que se tornou a grande esperança deles, como se fosse a sua redenção, a sua salvação. Sonhavam todo dia com uma grande nau repleta de varões barbigudos, de nobres roliças e de crianças muito alvas e nutridas.

Os convivas se arrepiaram dos pés às cabeças, como se línguas grossas e dentes afiados e grandes lambessem seus corpos e mordessem suas carnes.

— Sonhavam, prosseguiu Francesco Távola, que essa nau naufragava no quebrar das ondas na praia mais próxima de sua aldeia. E se puseram a construir uma espécie de mirante que lhes servisse de espreita dos mares. Neste trabalho empregaram milhares de homens, mulheres e crianças. E todos trabalhavam com dedicação e amor, como se estivessem construindo suas próprias casas. Ocorreu deixarem de lado suas ocupações habituais e fundamentais, a caça, a pesca, a extração de raízes e frutos, a fiação. Já não se importavam com a tintura do corpo. A vaidade ficou para trás como coisa do passado ou de brancos. As próprias ocas se deterioravam e nem se importavam com consertá-las e construir outras, apesar do aparecimento de novos índios. Os meninos já não pensavam em nadar, brincar no mato, crescer para se tornarem guerreiros fortes e destros no uso da zarabatana, casar-se com a índia mais bonita. Substituíram as velhas palavras por neologismos: naufrágio, nau, jantar, barão, conde, príncipe, nobre, e viviam a sonhar com um prato de carne de branco.

Estupefatos, os ouvintes não sabiam se deliravam, se sonhavam ou se ouviam de fato a voz do morto. Esqueceram os pratos já frios e sem o aroma das primeiras palavras do barão.

— Os rituais mágico-religiosos, prosseguiu o ex-explorador, mudaram de forma e de objetivo: encenavam naufrágios, destroços de naus, esquarteramento de brancos, etc.

Algum tempo depois, já mortos alguns dos participantes do jantar de nossos corpos, já nascidos indiozinhos que nunca viram sequer um branco, o naufrágio não passava de um fato histórico. As crianças perquiriam os mais velhos sobre a célebre data, o grande jantar. Desenvolveu-se uma arte de desenhar naus, homens brancos, naufrágios. Com o correr do tempo, já nem se lembravam mais dos detalhes, das formas e passaram a pintar uma nau como se fosse uma baleia, um homem branco como se fosse um monstro marinho pré-histórico. Não podiam mais dizer: a carne branca tem o sabor disso ou daquilo. Criaram pratos novos para lembrar o prato de carne de branco. Tudo fizeram para lembrar o banquete. Um indiozinho, por exemplo, descobriu um antigo desenho numa rocha, uma figura de branco, e sentiu tamanha sensação que não tardou a morder a indiazinha de sua adoração. De mordida em mordida, terminaram em pleno ato sexual. *Acta est fabula.*

Dito isto, Francesco desapareceu como éter. O padre, perplexo, perguntou:

— *Dominus, quo vadis?*

— A eternidade, respondeu o barão pelo fugitivo.

— *Sit tibi terra levis*, aventurou o príncipe russo, já plenamente latinizado.

— E o francês? quiseram saber novamente os convivas.

— Vocês o comeram, ripostou o anfitrião.

Mal o barão fechou a boca, o padre fez uma careta, encolheu-se sobre a barriga farta e vomitou na cara do John Food a boca de Pierre Bodée.

Lançados de volta à vida, os lábios do indigesto francês, antes da última garfada, ainda bradaram, num latim vomitado e fedorento, aprendido no estômago latino do Padre Giordano Távola:

— *O tempora! O mores!*

X X X

O MANUSCRITO DE YELLAH

Por que o manuscrito de Yellah continua inédito? Não me refiro ao meu livro, mas ao documento deixado pelo astrônomo. Não ando à cata de glórias literárias, que certamente o livro me dará, nem sou um explorador do fantástico. Ora, o manuscrito se contém em umas trinta laudas apenas. Eu o teria publicado em jornais e revistas, sem uma só palavra a mais, não fossem as recusas dos editores. Foi esta minha primeira intenção, foi este meu primeiro ímpeto.

A princípio acreditei que as recusas de publicação do estranho escrito se devessem ao desinteresse da imprensa pelo assunto. Dias depois, porém, rememorando os fatos, lembrei-me do entusiasmo do primeiro editor ao ler o texto yellahiano, a emoção com que me agradeceu o fornecer-lhe matéria tão interessante. Prometeu-me boa recompensa, a tiragem do jornal sairia dobrada, podíamos preparar outros textos, explorar o filão. Eu topava a parada? Sim, logicamente. Apareça mais tarde para uma entrevista. E bico calado, nada de procurar outros jornais. Deixasse logo cópia do manuscrito com ele.

Mais tarde, já preparado de outras informações para a entrevista do século, custei a acreditar estivesse diante do mesmo editor. Desculpasse, mas o assalto ao banco, no fim da tarde, fato inesperado, não estava sabendo?, havia tomado o último espaço da edição. Ficava para outra oportunidade, ou, então, procurasse fulano, amigão do peito, do jornal tal.

De déu em déu, acabei por desconfiar de outras razões para tantas evasivas tão semelhantes entre si. Ora, mal eu me apresentava, já o sujeito, sem sequer ler o manuscrito, pedia desculpas e me deixava a ver navios.

Na minha ingenuidade, imaginei o mais lógico motivo para o veto dos jornais à publicação do documento: o público não iria entender neres de neres do texto, se publicado sem uma nota explicativa, uma advertência, um preâmbulo

esclarecedor. E pus-me a rabiscar um perfil de Yellah, noções elementares de Astronomia, rápidos passeios pela História, sínteses das teorias dos sonhos, e cada vez me perdia mais nos corredores da informação e da suposição. Súbito, havia escrito um longo texto sobre o manuscrito. Que é meu livro recusado pelas editoras.

Minha luta pela sua publicação pode ser tida como a reedição da que travei pela divulgação do escrito de Yellah. Assim, deixei o primeiro editor cheio de esperanças. Ora, eu lhe fiz uma síntese do livro e o assunto lhe pareceu fadado a grande sucesso de público. Falou-me numa primeira edição de cinquenta mil exemplares. Não autorizava logo a publicação para não fugir à política da casa. Referia-se à leitura dos originais pelo conselho editorial. De qualquer forma, voltasse dali a três dias, para a assinatura do contrato. E deu-me palmadinhas às costas, ofereceu-me café, abraçou-me.

No dia aprazado, lá estava eu de novo diante do velhinho. Não o levasse a mal, compreendesse sua posição, não podia ser contra a opinião do conselho. E voltei às correrias e aos desenganos.

Para uns, todo o meu livro, inclusive o texto de Yellah nele inserido, é pura ficção e, por só publicarem obras científicas ou de informações, se me editassem, estariam enganando o público. Para as editoras de obras de ficção, "O Manuscrito de Yellah" não passa de um amontoado de pseudo-informações. Existem aquelas, porém, que publicam de tudo. E estas têm também suas razões: não investem em autores desconhecidos, andam às voltas com crises financeiras, seus cronogramas editoriais já estão elaborados para os próximos cinco anos.

Decepcionado com a nossa indústria editorial, fiz das tripas coração e fui bater às portas de editores estrangeiros. E até lá minha má fama já chegou. Ou não se trata disso?

O tal manuscrito que ninguém ousa publicar e mais um telescópio foram encontrados por um camponês de Solenhofen junto às cinzas de Yellah. Adquiri-os por uma ninharia.

Em fins de 1945, muitos camponeses morreram fuzilados na Alemanha. Apesar da rendição dos governos fascistas, atrocidades como estas davam prosseguimento à matança iniciada nos anos anteriores. Famílias inteiras desapareciam ao fogo do desespero nazista. Só por extremos atos de heroísmo, um ou outro conseguia escapar à morte. Como Elizabeth Stengel. Grávida de oito meses, correu quilômetros da fúria de seus compatriotas ensandecidos. Para trás deixou os cadáveres do marido e dos filhos. E alcançou a França, onde deu à luz um menino, que batizou com o nome de Yellah. Por que não de Peter, Thomas, Karl, ou de Pierre, Charles, Paul? Nem alemão, nem francês.

Não durou muito Elizabeth e a criança terminou num asilo para menores abandonados.

Em 1960 o jovem Yellah sonhou com a própria morte. No sonho, estávamos em 1970 e milhares de monstros alados saltavam de um cometa para a Terra e massacravam a humanidade.

Daí por diante, passou a interessar-se por astronomia e fenomenologia. Descobriu as inexplicáveis coincidências existentes entre Halley e ele mesmo. Seu nome, escrito de trás para a frente, é o do astrônomo inglês. Sua mãe havia nascido em 1910, ano da aparição do cometa de Halley. Ela, sim, poderia ter se chamado Yellah.

Em 1682, aos 26 anos de idade, Edmund Halley viu o cometa que recebeu o seu nome. Em 1970, ano da passagem do cometa de seu sonho, Yellah estaria também com 26 anos de vida.

O cometa de Halley reapareceu em 1758, ou seja, 16 anos após sua morte. Em 1986 reaparecerá o cometa, ou seja, 16 anos após a morte de Yellah.

Segundo o inquieto filho de Elizabeth Stengel, no dia 30 de janeiro de 1970, milhões de seres humanos sonharam com a invasão da Terra pelos superarqueoptérix. Estes monstros alados habitavam o cometa de seu sonho apocalí-

ptico há milênios, quando fugiram da Terra. De volta ao berço natal, devoravam os homens, tomando-lhes o lugar de reis da criação.

Para Yellah, o sonho coletivo de 1970 se concretizará em 1986.

Quem se lembrará de um sonho ruim dos anos '70? Nos apontamentos dos psicanalistas talvez se encontrem versões destes sonhos. Ou todos eles preferiram queimar seus cadernos, a terem de depor como inquisidores?

Na opinião do prodigioso alemãozinho, o sonho está para a realidade como a ficção está para o homem. Um romance, consoante ele, é um ser de palavras. Cada leitor, no entanto, o lê à sua maneira, de acordo com sua capacidade. Uma realidade em si mesmo é imutável, embora os homens a vejam em sonho à maneira de cada um. E vai mais longe: o sonho é sempre mais grandioso do que a realidade, da mesma forma que um romance se enriquece à medida que é lido.

Hélix / Pela teoria de Yellah, para ele verdade irrefutável, enquanto os homens sonhavam, os superarquês ~~Yérix~~ rondavam a Terra.

Para se defender das acusações de charlatanice filosófica ou científica, o pequeno sábio fundamenta sua afirmação assim: os milhões de seres humanos que não dormiam e, portanto, não sonhavam no momento da passagem do cometa, foram ocasionalmente hipnotizados. E também sonharam. Em hipnose ou sono natural, a humanidade estaria desarmada para qualquer resistência.

O tempo de duração da hipnose coletiva estava previsto para algumas horas, suficientes para o ataque a todos os rincões do planeta. De fato, porém, não passou de segundos. Desentendimento entre os invasores? Arrependimento? Decisão de última hora de adiamento do golpe? Na verdade, segundos após a aspersão do narcotizante sobre a Terra, os estranhos nos bombardearam com outra substância de efeito neutralizante.

Yellah teria sido o único ser humano a ver o cometa pelo telescópio e ao mesmo tempo em estado de hipnose ou sonambulismo. Escrevia a parte final e mais importante de sua pequena obra — justamente a narração do aparecimento do cometa e do ataque dos monstros — quando o raio da morte o fulminou.

Ao texto de Yellah não cabe a mim nem a ninguém chamar de ficção. E se for, por que esse medo deles? Ao manuscrito não compete a ninguém indicar seu autor. Se eu, sou quem? Se Yellah, ele existiu?

O ORÁCULO

Guilhermartins orgulhava-se de sua sem par biblioteca, que de vez em quando aparecia na imprensa. Dizia o colunista social: o intelectual Guilhermartins, dono da mais rica coleção de alfarrábios, jantava ontem ao lado da bela Antonieta Brochado. O repórter vulgava: Chega-se a duvidar da existência do "Tratado do Amor do Diabo", de Abulcámin Abdelhákem, tal a sua raridade.

Ao lado das fileiras de franceses, brasileiros, javaneses, acumulavam-se pilhas de revistas e jornais: "O Chauffeur Moderno", "Revista do Foot-Ball", "O Positivismo Mineiro", "Diário da América", "Gazeta do País", "Revue des Cinq Mondes", "II Fanfulla", "La Hacienda", "The Marine Engineer" e outros.

Perguntando em que cousas gastara seu tempo enquanto vivera, disse que lera desde "A Aarônica aba ababá", novela mentirosa sobre os costumes dos índios ababás, escrita pelo cearense José de Alenquer, até "Zwinglio Zuruó", biografia moleque de autoria do soviético Alexey Chirikov.

Perguntado quanto tempo havia que era leitor, disse que haveria oitenta e nove.

Estas e outras perguntas e respostas encontram-se publicadas nos jornais, assim como as segundas, um tanto modificadas, como afirmações de outras pessoas, em periódicos mais antigos. Por exemplo, é da edição de 27 de novembro de 1937 do Diário da América o seguinte trecho do pesquisador Salomão Souto: "A Aarônica aba ababá", novela fantástica sobre os costumes dos índios ababás, foi escrita por José de Alenquer."

A primeira refeição de Guilhermartins consistia de café com manchetes. Um gole aqui, um golpe ali, um sorvo agora, um corpo morto no canto da página, uma sorvedura apresada, uma ditadura derrubada. Dos títulos passava às ma-

térias e o golpe se enchia de sangue, estrelas, tanques nas ruas, pronunciamentos, prisões, decretos, viva o general.

Esse hábito de não comer pão, nem mamão, leite ou azeite após o sono se constituiu ao longo de décadas de falta de tempo para fazer uma refeição mais rica, porque apetite não lhe faltava, nem sua fazenda parecia pequena.

Vivendo assim, não podia sonhar senão realidades. Quer dizer, realidades futuras, fatos vindouros, porém logicamente relacionados aos do passado dia. Assim, se antes de pegar no sono lia sobre o nascimento do filho da princesa, no sonho lhe aparecia a relação dos prováveis nomes reais do infante às mãos do príncipe. Pulava da cama, agarrava os jornais e ria de mais um crime da imprensa — todos copiavam seus sonhos.

Dentre suas previsões mais assombrosas, citam-se o lançamento do Sputnik, a destruição de Israel, a publicação de "A Cachoeira das Eras" e a morte de Stalin.

Um crítico de sua amizade chegou a chamar-lhe de o oráculo da era atômica. Guilhermartins riu e explicou: A História é uma novela e o novelista um gênio anônimo. Os teístas o insultaram. O gênio tinha nome, sim senhor: Deus. Os ateístas defenderam-se. Não existia esse tal gênio.

Disse mais Guilhermartins: Considerava-se apenas o mais atento e inteligente espectador, daí poder ler o próximo capítulo antes de publicado. E recusou convites para polemizar. Faltava-lhe tempo para falar. Mandava um pequeno texto sobre a questão. Discutissem-no à vontade.

De fato, estafetas e jornalheiros não pararam de bater à sua porta, sobraçando pacotes das mais variadas procedências. Jornais da Jordânia, revistas revanchistas alemãs, boletins de laboratórios farmacêuticos, informativos panteístas, publicações de guerrilheiros e terroristas, relatórios acadêmicos e divulgações de seitas novas.

Não se esquecia de si mesmo Guilhermartins. Colecionava tudo o que a imprensa publicava sobre sua pessoa. Na

primeira folha do álbum, a notícia de seu nascimento. A partir daí entrevistas, artigos, crônicas, reportagens.

Uma dessas crônicas, do poeta Carlos André, começa assim: “Há quarenta anos conheço e pratico esse raro Guilhermartins, e ainda não me arrependi de o ter achado. Pois o achei, posto que o procurasse sem o conhecer. Valeu como achar a edição princeps de “O Grande Pânico”.

Tomam três ou cinco folhas as reportagens sensacionalistas sobre seu divórcio. Numa sua mulher o chama de maníaco, leitor inveterado, comedor de traças, intelectual onisciente, o diabo.

Um dos artigos mais pomposos sobre sua pessoa intitula-se “O Mago Guilhermartins” e o equipara a Wronski, o inventor da máquina de predizer.

Apesar da enorme quantidade de publicações que diariamente recebia, Guilhermartins sabia de cor os nomes de todas elas e até os dias em que deveria recebê-las. Deu-se então de um dia o estafeta esquecer-se de levar-lhe o “Informativo Cabalístico”. O assinante vomitou insultos: irresponsável, inimigo da informação, mulherengo, nazista. E o entregador de jornais perdeu a paciência: maníaco, judeu, alienado, filho de satã. E saiu aos brados.

Fulminado por tão duras palavras, Guilhermartins sentou-se sobre os pacotes, abatido, triste, decepcionado.

— Eu, maníaco? Sim, por que não? De que me serve o conhecimento? Para que passo a vida a ler, a me informar de tudo? Tenho vivido aqui, cercado de livros, revistas, jornais, envelhecido diante de tudo isso. Que fiz afinal da vida? Ou ainda é tempo de mudar, de fugir dessa caverna, de sair do ovo, de pular para o mundo?

E saltou para a rua, a gritar que sabia de tudo, conhecia tudo, o passado e o presente e até um pouco do futuro. Cercaram-no curiosos e ele subiu a uma janela. Pôs-se a falar de guerras e pazes, enchentes e secas, golpes e revoluções, tudo sem qualquer sentido, misturado, confuso.

— É o sábio Guilhermartins.

- Um doido varrido.
- O diabo em pessoa.

Pouco a pouco, todos se afastaram e ele se calou. Coçou a cabeça, arregalou os olhos, sorriu. E correu aos jornais e emissoras. Noticiassem: Guilhermartins convocava a população para uma conferência sobre o conhecimento humano. Na maior praça de esportes da cidade. Entrada franca. A partir do fim da tarde. Sem horário previsto para o encerramento. Podiam decretar greve geral. Assim todos estariam livres para comparecer ao espetáculo.

Não falaram de greve, porém milhares de pessoas se atropelaram desde o começo da noite diante do estádio. A cavalaria não sossegou de pisotear a multidão.

X X X

O PECADO GENIAL DO DR. ÍPSILON

Apressou o passo, impelida pela fome e pela vontade de fugir daqueles olhos maliciosos. Abriu o portão barulhentosamente, voltou-se para a rua e viu na calçada apenas crianças brincando de roda. Distraída, arrancou uma malmequer e jogou-a ao meio do jardim, porque lembrou-se do que todo dia lhe dizia sua mãe: que mania é essa de arrancar as flores? Tomara que um espinho te estrepe. Estou morta de fome. Que é hoje? Lavou as mãos na pia e sentou-se à mesa. Os velhos esfriavam suas sopas, calados. Meteu a colher no fundo do prato e espalhou as tiras de verdura e os fiapos de macarrão. A fumaça subiu mais rápida e mais espessa. Soprou fufufu mas não resistiu mais, jurava, ia beber a sopa quente mesmo. A primeira colherada queimou-lhe os lábios e a ponta da língua. Vomitou no prato. Deixei de ser mal-educada. Voltou a soprar fufufu e a mexer a sopa com a colher. Mexeu soprou mexeu soprou mexeu soprou. Não está tão quente assim, Juno. Tome logo, antes que esfrie, disse sua mãe. Ela obedeceu mas, por precaução, não meteu toda a colher na boca. Beijou-a e sorveu um golinho somente. Depois pôs-se a beber a sopa com avidez. Não seria naquela noite, porém, que dormiria farta. De repente, o prato levantou as patas traseiras, derramando o resto da sopa, já entre morna e fria, sobre a borda da mesa e em seu vestido tão lindo. Os velhos se espantaram e se voltaram bruscamente, como por impulso automático, primeiro para o prato, ainda de patas erguidas, depois para a sopa que se derramava e se espalhava lentamente sobre a borda da mesa, a seguir para o vestido de Juno, que então começava a se ensopar de fiapos de macarrão, e, por último, para os olhos arregalados da jovem. Que foi? perguntaram em voz alta. Ainda não aprendeu a tomar sopa? É sempre assim, essa sujeira. Juno não compreendeu nada do que houve e do que ouviu. Na verdade, a primeira e única vez que derramara sopa fazia exatamente três anos, lembrou-se num átimo. Não tive culpa. Não toquei sequer

a mão no prato. Encostou então a colher, disse o pai. Fez força e o prato perdeu o equilíbrio, completou a mãe. Não, não fiz força. Juro, choramingou Juno. Não? E quem foi então? Antes, porém, destas inúteis e tolas perguntas e recriações, Juno afastou a cadeira com estardalhaço, levantou-se, lépida, e correu ao banheiro. Mude esse vestido, gritou sua mãe, nervosa. A jovem lavou as mãos e as pernas e dirigiu-se ao quarto. Começou a despir-se apressadamente. Quando se viu no espelho, totalmente nua, sentiu um ligeiro arrepio percorrer-lhe todo o lindo corpo, como se uma mão medonha deslizesse sobre ele, ou como se uma língua viscosa lambesse sua alva pele macia, ou como se uns olhos de fogo se infiltrassem em sua nudez. Olhou em volta e só viu a cama, o guarda-roupa e a penteadeira. Aquietou-se, apressou-se, retirou do guarda-roupa outra calcinha e a vestiu escandalosamente. Olhou-se e sentiu novamente as mesmas sensações estranhas de havia pouco. Vestiu o primeiro vestido velho, caseiro e curto que encontrou. Sentiu novamente fome e uma vontade inexplicável de fugir daqueles olhos maliciosos. Apressou o passo e transpôs o umbral da porta do quarto. Lá fora a meninada brincava de roda. Do jarro sobre a mesa arrancou uma bem-me-quer e...

..O PROBLEMA FUNDAMENTAL DA EXISTENCIA

Os cinco como que ressuscitaram ao mesmo tempo. Tudo em volta eram escombros, podridão, nada. Olharam-se, curiosos, o pavor grudado nas caras, como máscaras mal pintadas. Calados, puseram-se a mexer primeiro um dedo, após outro, a mão, desconfiados do milagre da sobrevivência. Pouco a pouco foram se erguendo daquele cemitério, caminhando entre os mortos, até se sentirem sós. E gritaram todos a um só tempo:

— Eu falo. ,

E correram, gargalhando e berrando feito loucos, a se abraçarem.

O mais idoso, marido da velha e pai dos outros, pediu silêncio:

— Vim de pensar sobre nós, sobre o nosso problema fundamental. E cheguei à conclusão de que, estando velho, não tenho mais futuro. Mas, meus filhos, já pensaram no que será de vocês?

O rapaz voltou a se entristecer, dirigiu-se ao pai e o abraçou:

— Papai, meu único amparo é você. Dê-me sua compreensão, ajude-me, não me faça desesperar.

A velha, irritada, levantou o braço, como para discursar, e abriu a boca:

— Eu também não tenho futuro. Sou defunta, como estes que estão aí jogados ao chão. Mas quero viver por vocês, meus filhos, e principalmente por você, e abraçou-se chorando, à garotinha.

A moça parecia sonhar, olhava para o céu, como se esperasse um salvador, o príncipe encantado da adolescência recém-finda. A menina vasculhava o chão, à cata de brinquedos soterrados.

O velho coçou a cabeça, franziu a testa e exigiu o fim das lamentações. Era preciso pensar rápido, tomar decisões urgentes, do contrário viveria seus últimos dias a lamentar a catástrofe.

— Vamos, estão esperando por quem? Não há mais ninguém, podem crer. Somos só nós neste mundão. E é necessário pensar na perpetuação da espécie. Ou vocês são tão egoístas assim? Além do mais, afora eu e a velha, vocês quase não viveram nada ainda.

Calou-se, à espera da reação da família. Queria opiniões ou, pelo menos, atitudes de decisão. E como todos permanecessem mudos e cabisbaixos, chamou a filha moça, beijou-a na face e sentou-a junto a si.

— O que é isso, velho safado?, atalhou a mãe.

— Compreenda, você já está velha e ela não pode deixar que se extinga a humanidade.

E beijou novamente a filha, como se tivesse resolvido o problema.

— Mas não pode ser assim. Você é o pai dela e isso é pecado, crime. Ou degenerou de vez?

Puseram-se a discutir os dois velhos, ele mostrando-se preocupado com o destino da espécie, ela apegando-se à moral, à religião e à lei.

— Nada disso existe mais a partir de agora e até que a família se torne tribo ou nação. Ou você pensa que vai surgir um Deus e nos trazer uma Eva ou um Adão?

O rapaz pediu que deixassem de discussões, chegassem a um acordo e deu razão ao pai.

— E o que vai ser de minha filhinha no meio dessa imoralidade toda? gritou a velha, enlaçando a menina.

— Tenho pena dela, disse o rapaz. Se houvesse, pelo menos mais dois meninos.

A moça desvencilhou-se do pai, que a beijava e apalpava-lhe os seios, e pôs-se a chorar:

— Não quero, não quero. Prefiro morrer só.

— E seu irmão e sua irmãzinha? Você não pensa neles? Deixe de ser tão egoísta, irritou-se o velho.

— Mas meu irmão não é dessas coisas.

— Bem que eu queria que houvesse aqui um rapaz ou mesmo um menino, defendeu-se o filho.

— Além do mais, a menina precisará de um companheiro, mesmo que seja muito mais novo do que ela, argumentou o pai.

— Velho tarado. Primeiro quer a filha mais velha, depois que a menina se junte com o irmão que nascer. Não acha isso demais?

— Então vamos morrer todos solitários, masturbando-se e enlouquecendo? Você não, e apontou o dedo para a mulher, que já não pensa em nada.

— Papai tem razão, dizia o rapaz.

De repente, a moça parou de chorar e pediu para dizer que aceitava o pai como marido, contanto que não mexessem na irmãzinha, enquanto não se fizesse mulher.

Houve palmas, risos e gritos por parte do velho, que correu a abraçar a filha.

— Esperem aí, bradou o rapaz, só aceito isso se papai me quiser também. Caso contrário, fico ao lado de mamãe e sou capaz de agir com violência.

— Contra quem?

— Você, meu pai.

— Pior para você, que ficará sem ninguém.

A velha pedia calma, abraçava o filho, pedindo-lhe para não se precipitar. Não fosse cometer um crime maior, matando o próprio pai.

Você era tão católico.

— Realmente, seria um crime horroroso. Mas me vingarei de qualquer jeito, nem que seja...

— Nem que seja o quê?

— Nem que tenha de matar minha irmã.

A moça pôs-se a gritar, como se estivesse sendo torturada, refugiando-se nos braços do pai, pálida e trêmula, derretendo-se em lágrimas.

— Calma, minha filha, ele não fará nada com você. Juro que atenderei a todos os desejos dele.

A velha foi a única a se irritar com o desfecho da controvérsia, amaldiçoando aos três, que se retiraram para um lado, e abraçando a filha menor, que parecia nada entender.

Enquanto a velha bradava improperios, os três confabulavam.

— Você deve se sentir orgulhosa, minha filha, de seu papel. Veja que você é a única pessoa no mundo capaz de fazer continuar a obra de todos os nossos antepassados. Você ficará na história mais do que como um mito, mais do que como símbolo. Você será a mulher que salvou a espécie humana do fim.

Mais tarde, embora a velha teimasse em apregoar maldições, os três voltaram ao local que serviria de abrigo para a futura tribo e convocaram a menina para uma reunião especial. Iriam comunicar-lhe o nascer do novo mundo, da nova ordem, da nova moral, da nova lei.

— Veja que se não for assim, você será a única a sofrer, porque ficará só no mundo, até à morte, explicou-lhe o pai.

Disseram-lhe ainda que brevemente nasceria um menino, seu irmão e sobrinho, a um tempo, com que ela haveria de casar um dia.

— Mas se só nascerem meninas?, quis saber a garota.

Todos riram de sua inteligência. E mais do que rir, o velho esfregou as mãos, cheio de contentamento.

O SONHO DO MELIANTE GUIMARAES

Acordo sempre suado, o coração feroso, gritando pela mulher, como se ela pudesse me sacudir e evitar minha queda. Ela se revira, me chama de danado, foge de minhas mãos trêmulas, pula da cama, acende a luz, chora e berra. É sempre madrugada, tem chovido fininho e o frio bom para se dormir.

— Como foi o sonho? Você sonhou comigo, Guimarães?

Perco o medo, sento-me, olho para aquela mulher comum e enjoada e conto tintim por tintim.

Da primeira vez o barulho foi maior. Gritei feito um doido e ela só começou a entender o desastre depois que me viu estatelado no chão.

— Caiu da cama?

Claro que nunca fui besta para dormir junto ao penico. E por que caí? Ela era burra como uma pedra. Ainda tive coragem de medir as frases, escolher as palavras, essa mania de querer ser mais inteligente do que ela, humilhá-la, deixá-la de queixo caído, fazendo perguntas.

Muito alto, quase os píncaros do céu. Meus cabelos se confundiam com as nuvens e as fumaças das fábricas. De repente, anoiteceu e meus olhos brilharam como estrelas e em minha boca despontou uma lua negra e do fundo da goela saltou uma labareda, que só faltava queimar o caixão onde você dormia desgrenhada, os seios para cima, receosa de amassá-los. Besteira sua, pois a subida era íngreme e por pouco a cama não despencou lá de cima com você e tudo, apesar de minhas patas peludas se agarrando aos buraquinhos da parede. Embaixo, multidões berravam e erguiam os braços, à moda muçulmana, como querendo nos aparar. Eu não entendia tanto delírio e ora chamava aquela malta de fascistas, ora me apiedava deles, crente de que nos invejavam, impossibilitados de deixar o chão.

Não sei mais direito a ideologia da história mas posso ainda engendrá-la à custa de uns apontamentos feitos horas após o sonho. Recordo-me também que no momento da narração à mulher perdi o fio da meada e, para não demonstrar incapacidade de contar o pesadelo, inventei qualquer coisa. Eu era uma enorme aranha que carregava às costas um caixão e dentro dele a mulher nua e dormida. Fugia de uma catástrofe, os prédios ruíam, o povo arribava para as montanhas e, ao ver a aranha abalando no rumo dos cimos gelados além de onde voavam as espaçonaves, punha-se a jogar grandes anzóis para o alto, picaretas que feriam o calcário, na tentativa de assim poder se salvar. No entanto, a pedra poucas vezes agarrava a isca e a maioria daquele povo desesperado deixava de lançar seus instrumentos mas continuava a olhar na direção do inseto, a erguer os braços e a blasfemar, rogando a Deus que escorregássemos e caíssemos em seus tentáculos. Queriam meu sacrifício para depois me sepultarem aos pés da parede.

Na segunda noite o sonho se encheu de detalhes e de simbologias. Eu via a aranha escalando o muro e ao mesmo tempo era o bicho.

— Homem-aranha, arengou a mulher.

— Muito horrível, você entende?

Ela não entendia. Apenas achava que eu estava para lá de doente, mais feio, preto e cabeludo.

— Essa sua barba suja de baba vai me emporcalhar toda.

Eu lhe pedia que trouxesse o médico e ela me falava de dificuldades. Onde iria procurá-lo? Melhor que fôssemos os dois aos hospitais, às clínicas, aos apartamentos, aos clubes, aos estádios, às ruas. Impossível achá-lo por acaso. Ao me verem naquele estado, os moleques iriam me atirar pedras, laranjas podres, ovos. No tumulto, a polícia terminaria me levando preso, me espancando.

Passava os dias enfurnado em casa, procurando aranhas pelos quatro cantos para matá-las e queimá-las com cigarro aceso.

Agravava-se meu estado e tive que procurar o psiquiatra. Tcquei com as pontas dos dedos peludos a maciez do divã e arrepiei-me. Melhor ficar de pé.

— Aranha não se senta em divã, doutor.

Fez-me contar um a um os sonhos. Queria tudo detalhado, límpido. Copiava tudo com a mãozinha vermelha. Achou-me perfeitamente são, normal, ao fim dos relatos.

— Eu mesmo sonho constantemente comendo uma egípcia no alto da Torre Eiffel.

Procurei o padre mas pedi-lhe que não viesse com histórias bíblicas. Ele sorriu, benzeu-se e quis me tocar. Tive medo e afastei-me.

— Qual é o seu pecado, filho?

Fez-me perguntas e mais perguntas. O que eu sonhava, se eram imoralidades, se com outra mulher ou algum homem. Perdoava-me se reconhecesse que o muro alcançava a Casa Eterna.

Não sei quem deu início ao processo. A prisão será o pior, sonhando que estarei perpetuamente. Melhor a pena da morte. Assim, não teria mais que sonhar e se não o fizer não chegarei ao fim da escalada.

— E porque só este meliante Guimarães sonha escalando o muro, que se o puna, estão gritando.

PUNHALZINHO CRAVADO DE ÓDIO

Caminha Ana pelo beco esburacado, perninhas de embuá, doida para alcançar a esquina. Saltita, feito catita, de ilha em ilha, com medo de se afogar nas poças de lama. Cachorros sonolentos abrem os olhos para sua figura miúda e se espreguiçam e expõem as indecências encarnadas de entre as pernas. Voltam a sonhar, sérios, acanhados, magros.

— Cambada de vagabundos.

O sol assa a areia, os pesinhos gordos da anã, racha a taipa dos casebres, os lábios da mulher, reluz nos cacos de vidros expostos no meio da rua, nos olhos da caminhante.

— Arre égua.

Abertas as portas da bodega de Bodinho, anunciada por placas de Coca-Cola. Dentro, moscas fartas, catinga de cachaça, salpicada de escarros, sortida de mil mantimentos para gentes e bichos.

• Venda para todas las bandas e tudo se mexe, remexe, rebola, remoinha. Os vira-latas acordam raivosos, voa poeira entre as casas, papéis de embrulho viram arraias bicós e o bodegueiro pragueja.

E vão embora gritos, pules de jogo do bicho, esperanças, tudo em fuga pelos becos. Do outro lado de dentro do balcão, Bodinho arruma jornais de ontem e inventa pragas contra o diabo da ventania. Sunga as calças e a pança balança, fofa, mole, cheia. Zunem moscas alvoroçadas. Pousam nos braços curtos da freguesa, pegajosas, a fazerem cócegas na pele grossa de Ana.

— Desgruda, desgraçada.

Pela porta atrás da anã entra Pêu, arreganha os dentes podres. Estica as pernas, pula para um caixão de sabão, quase a roçar nos cabelos da Ana. Atrás do balcão, Bodinho assobia e ri.

Solta na buraqueira desde os tempos de chupeta, Anazinha meteu-se cedo nos becos da molecagem. Anãzinha praqui, Aninha praca, conheceu um a um os moleques do Pirambu. Com Pêu experimentou as primeiras dores.

— Casar? Nunquinha.:

Também nunca pegou barriga de nenhum cabra safado, muito menos ~~nos~~ de Pêu.

— Ainda bem.

E não teve a sorte de conhecer um de seu tamanho, de feito anão, do jeito do seu agrado.

Mãozinhas postas sobre o cocô das moscas, pede a anã o milho de suas galinhas. Depressa, enquanto o cão esfregasse o olho.

Todo santo dia, quer chovesse, quer fizesse sol, ia Ana comprar a janta de suas criações. Bodinho nem precisava perguntar o que queria ela. Precisasse de querosene para as lamparinas, voltava noutra hora ou dormia no escuro. Carecesse de alimento para si, passava fome ou dava outra viagem, embora os cachorros da rua vivessem a espiá-la do rés do chão.

— Cambada de vagabundos.

Como não se vissem frente a frente desde os tempos das sacanagens, Pêu coçou o queixo, lambeu os bigodes sujos, furticou os ovos e não pediu cachaça: se Aninha comia milho.

Toda a raça do Pirambu sabia de sua predileção por galinhas. Na bodega de Bodinho só ela comprava milho. Todo dia, tarde cedo. Criava as bichinhas com fartura e amor, sem sovínice de nada. Muitas. E só não possuía o maior galinheiro do mundo porque precisava vender sempre uma para dar de comer às outras. A preços de banana, mais baratas do que bolo em fim de festa. Não, nunca comeu sequer o pé de uma.

— Deus me livre.

Ri Pêu da sabedoria da anã e pede uma talagada. Desapeia do caixão e encosta-se à antiga companheira de sacana-

gens detrás dos morros de areia. O bodegueiro demora-se a ver os olhos reluzentes de Ana, aquele fogo a queimar seus jornais velhos, aquela pua a furar o outro freguês.

Já ida pela casa dos trinta, a anã não rompia as fronteiras do metro mas a cada dia se alargava, feito um saco de algodão. Sua boca armazenava todos os ódios do Pirambu e, quando não suportava mais contê-los, não escolhia as caras e cuspiam insultos até contra os vira-latas.

— Perdeu alguém parecido comigo, baitola?

Entrega Bodinho o embrulho de milho, apanha a garrafa, sem despregar os olhos da anã, derrama veneno no copo e levanta a taça de vencedor.

Nenhuma palavra sobe do porão de Ana, que agarra sua ração, agacha-se e a deposita ao pé do balcão. Pêu despeja goela adentro toda sua vida e solta um grito de terror.

Em sua virilha, um punhalzinho enferrujado e cheio de ódio acabava de se cravar.

QUIMERA

Visse o retrato dele por ela pintado.

— Você tinha um aninho.

Destacou de entre os dedos o indicador e sorriu. Um riso de brilhosos olhos e rosadas faces, a se expandir por todo o seu corpo. E tão depressa ele cresceu, na mesma proporção desapareceu. Murchou o dedo, caíram as pálpebras, esconderam-se os dentes empós os lábios.

(Diante dela, o seu menino posava todo alegria. Ficasse assim, bem natural. Risse, se quisesse, mas não se mexesse. Para a pintura sair perfeita. Uma formosura. E mirava ela o seu modelo, atenta aos pincéis, mãos de madona. Inventava o mais mimoso dos infantes.)

— Aprendi essa arte antes de conhecer seu pai.

Seu menino dela duvidou. Não das memórias, antes da identidade entre a figura e ele.

Não fosse dizer não saber ela desenhar ou não ter sabido. Talvez já tivesse mesmo perdido as noções de pintura aprendidas na infância. Fazia muito tempo, sim, mas ainda acreditava no seu bom aprendizado.

— Este é você e você é este.

Brincou com as mãos de um lado para outro, quase a cair em gargalhadas.

— Lindo.

E abraçou e beijou o seu menino, até fartar-se e novamente perder o ânimo da fala, dos movimentos, da vida.

— Seu pai está para voltar.

Calou-se, olhos fixos no chão, semblante entristecido. E o quadro a mirá-la amoroso e abandonado.

Súbito, assustou-se.

— O que foi meu filho?

Desculpasse a mamãe, andava tão distraída! Pensava no paisinho. E forçou de tal modo o sorriso, até confundir em

seu rosto um tanto de dor, uma porção de alegria, que mais pareceu uma santa. Não perguntasse o destino do pai. Havia partido em longa viagem.

— Para além de cinco anos isso vai. E em nosso esperar, quão triste miragem!

Não, não se tornasse tristonho assim. O dia de se conhecerem vinha.

— Ele vai voltar muito breve, sim.

Porque prometido, jurado tinha. Não inquirisse a razão daquela partida, porque responder doía. Apesar de toda dor, respondia.

— Foi circular a terra, conhecê-la, para provar que o mundo é redondo. Ninguém nele acredita, no entanto.

E pouco a pouco se foi ela pondo mais lacrimosa e se fazendo em pranto.

— Por aqui ele partiu, e apontou a porta da frente escancarada, por ali há de voltar, e mostrou a porta do quintal destravancada.

À parede, junto à fotografia do marido, percorreu a suspender a pintura do menino, antes que a inundasse de seu choro.

E bateram à porta. A mulher perdeu o controle, largou o quadro e se voltou apressadamente. Não tivesse medo seu filhinho.

— Deve ser seu pai.

Ameigou mais a voz e caminhou na direção da porta. Seu amor havia voltado. Só podia ser ele. Tocou a maçaneta e por longo minuto pôs-se a rodá-la.

Tremia. Com que forças abrir aquela pesada porta? Mas fez-se dona de sua vontade e puxou a folha. Um dedinho só.

— Minha senhora, abra logo.

— Você!? Bem que eu pensei.

Toda a porta girou para dentro e a mulher, a rir e chorar, saltou aos braços do homem, que, de só querer meter-se em casa, arrastou-a pendurada ao seu pescoço.

Desejava esconder-se. Só por um dia. Ajudasse-o. Sim, pelo resto da vida, entrasse, ficasse. Quantas saudades! Perseguiam-no, precisava de socorro.

Em seguida, ela o conduziu até onde dormitava seu menino.

— É o nosso filho. Veja como é lindo. A sua cara.

O homem sossegou, caiu sobre a cadeira, suado, olhos a saltar das órbitas.

— Você acordou, meu filho?

Abrisse bem os olhos, conhecesse o pai.

— Ele partiu antes de você nascer.

Abraçasse-o, com força. E não o deixasse mais sumir.

— Onde está o menino, minha senhora?

Na rua, sirenas alarmavam a quimera da pobre mulher.

REDE DE COBRAS

O nome de Pedro Campos aparecia duas vezes na notícia das “atrocidades cometidas pelos fazendeiros contra os índios”. O jornal só podia ser dos comunistas.

— Até rima com jornalista.

Os homens da fazenda olhavam para o chão, parados, feito marmotas. Nem tossiam.

— Cambada de putos!

Pedro Campos avançou para o jornal, plantou-lhe as garras, estraçalhou-o.

— Como se eu fosse um bandido.

Ninguém arredava o pé do alpendre, todos caladinhos, miudinhos.

O sol engatinhava nas fronteiras da fazenda.

X X X

Trouxeram o bode, que berrava e esperneava, e o amararam ao pé da estaca.

-- Venham ver para aprender.

Pedro Campos esfaqueou o tempo e o sol. Uma luz medonha queimou os olhos dos homens. O animal deu um berro sem fim, a faca plantada nas costelas. A segunda facada amputou-lhe uma perna. O terceiro golpe, profundo, correu-lhe a barriga de lado a lado. O sangue saltava longe e ninguém ria. Tripas penduradas, olhos esbugalhados e os ais quase sumidos.

Cansado, coberto de suor, o fazendeiro rilhava os dentes e praguejava.

— Morre, diabo.

Os homens pisavam o chão com força, pregados, as bocas dos sacos costurados a agulha fina.

— Estão vendo? É assim que vou fazer com eles.

O sol já brincava com as nuvens.

X X X

Pedro Campos fincou as esporas no cavalo, gritou, chicoteou o vento e desembestou no rumo da venta. Os homens também montaram e picaram os animais. Meteram-se em altas cavalarias, fazenda adentro. Os bichinhos do mato corriam da estripulia, escondiam-se detrás dos pés de pau. E as vinte patas de átila engoliam palmos e comiam léguas. A poeira do espanto levantava-se e morria. Vagarosamente.

X X X

Nos confins do mundo, o cavalo de Pedro Campos levantou as patas.

— Volto daqui. Vocês seguem.

Um relincho adiante viviam os índios. Os homens fossem espiar, de longe.

— Vejam se ainda estão lá.

O animal do fazendeiro se aquietou, comeu capim, mijou.

— E se já enterraram os outros.

Os quatro homens olhavam para a boca suja de Pedro Campos, em cima de seus cavalos, quietinhos, a comerem capim e mijarem.

— E só me levem boas notícias.

X X X

O dono da fazenda espichou-se na rede, pesadão, e os armadores rangeram. Rede nova, grande, presente dos índios. Cheinha de desenhos engraçados. De cobrinhas amarelas, encarnadas, verdes, azuis, pretas. Muito bonita mesmo.

Seus olhos fecharam-se, abriram-se. Fecharam-se, abriram-se. Fecharam-se. Escancarou a boca e fiapos de carne de bode intrometiam-se entre os dentes. O peito subia e descia, subia e descia. Moscas passeavam sobre sua gordura, beliscavam-lhe as bochechas, cagavam-lhe a testa, varriam-lhe as ventas, brincavam de morrer na caverna de sua imensa boca.

Pedro Campos remexia-se, coçava-se, impacientava-se, só faltava pular dentro da rede. Coçava os braços, as costas, a bunda. Picavam-no os demônios da sujeira? Pulou, zonzo,

cambaleou, de pé. Não podia tirar um cochilo. A rede só podia estar muito suja. Maldizia-se, aos berros.

Todas as mulheres correram para a varanda, alarmadas. A sua, as filhas, as criadinhas.

— Que merda!

O sol descia a ladeira do oeste, morno.

As mulheres abraçaram e cheiravam a rede. Lambiam-na, apalpavam-na, miravam-na com os olhos da cor do medo

— Está limpinha, patrão.

Pedro Campos foi se acalmando, conformado, sem coceiras. Só queria arrotar e dar uns peidos.

— Vão, vão, vão.

X X X

O sol se meteu debaixo da fazenda, os cururus não pararam mais de coaxar, nem o cricri dos grilos tinha fim.

— Vou esperar os homens lá fora.

A rede armada piscava os olhos para Pedro Campos. Todas as mulheres se trancaram nos quartos, solitárias, sem sono.

E os homens não traziam as boas notícias.

X X X

Lá pelo primeiro canto dos galos, a mão submissa da mulher do fazendeiro apalpou o lençol. No telhado nenhuma estrela brilhava. A cama media cem léguas. O quarto não tinha tamanho. Seu coração cavalgava feito uma égua. Fechou as pernas e saltou para o desespero. Caminhou as infinitas passadas da noite. Os galos entoaram a marcha pavorosa. Alcançou a varanda. A rede ia e vinha, a ninar Pedro Campos. Extravagâncias de homem. Riu a fazendeira e encheu-se de dengues. Pisava com pés de lã o chão das novas núpcias. Os galos cantaram nova sinfonia. Abeirou-se do leito a mulher. E nenhum desenho de serpente mais havia no tecido. Como se o tivessem lavado seguidamente.

Tatuado de pequeninas cobras, porém, o imenso corpo de Pedro Campos jazia de frio.

SANTO YAN

Zadik Perez odiava Sancho Peretz, desde muitos anos. Ódio mudo, fermentado entre quatro paredes, espumoso, envelhecido a rolha.

Num dia de sol quente, ouviram-se os primeiros resmungos, rangeres de dentes, curtos insultos. E as faíscas dos quatro olhos queimaram alguns curiosos. Nem anoiteceu e toda redondeza dos cedimentos sabia do pretérito e do presente deles, e até o futuro contava.

Daí por diante a lenda virou odisséia e mil e um histórias se enlearam. Os pais de Perez e Peretz se haviam es-traçalhado em briga de foice, seus avós comandaram exércitos que se destruíram, seus bisavós arregimentaram bandos, seus mais antigos ancestrais se envolveram em saques, tocais, covardias, brutos moradores de cavernas, mandíbulas de ferro, garras de gavião, patas cabeludas, grunhidos ferozes, parentes de macacos.

A fama de Zadik e Sancho alcançou longínquas regiões, terras de pastores de feras, caçadores de ovelhas, nunca sequer faladas naquele tão perdido mundo.

Até um tal Yan, de distantes plagas, ouviu a qual novela. Dono de uma cadeia internacional de campos-santos e, nas horas de filantropia, mediador de guerras e intrigas, desceu dos céus, com seu pássaro de prata, na fronteira dos países de Perez e Peretz.

Cuidou antes de instituir no novo mundo o hábito de se enterrar os mortos em cemitério, em vez de no próprio lugar onde as almas largavam os corpos. Fez a todos renegarem a antiga lei, chamando-os de bárbaros em sua língua. Os mortos não podiam viver com os vivos; as águas se contaminavam; a vida cheirava a podre. Predicou e insultou, feito um missionário em danação. E o aplaudiram, reverenciaram, idolatraram. Chamaram-no de Santo Yan, beijaram-lhe os pés, sacrificaram-lhe animais.

A discórdia entre Zadik Perez e Sancho Peretz não devia prosperar. Chamou à sua tenda primeiro Perez e se nomeou juiz de um duelo. Aqui seu visitante, ali o rival deste. Discursou sobre a arte de duelar, historiou o duelo, exaltou o romantismo da disputa.

Apesar disso, Zadik não se fez áspero, nem inchou o peito, nem fechou a mão. E pela primeira vez disse não ao reformador. Preferia não arriscar. Muito mais seguro seria dar morte certa a Sancho. Por trinta sacos de ouro.

Santo Yan negou-se assassino e não recusou nem aceitou a proposta de seu discípulo. Na saída, benzeu-o ternamente. E mandou chamar Sancho.

Renomeou-se juiz de um duelo, fez discurso, contou história, entusiasmou-se. E nem assim o outro largou a brandura e a covardia. Em troca da morte segura de Zadik, ofereceu trinta hectares de terra fértil.

De pronto, o reformador disse sim. Não pelas terras, que terras não lhe faltavam, mas por ver em Peretz o justo, o bom, o pacato, e em Perez o brigão, o mau, o injusto.

Abraçaram-se e Yan saiu em busca de Zadik Perez.

Os trinta sacos de ouro reluziram aos pés do Santo, que sorrim e deu por cumprida sua parte no pacto firmado com Sancho Peretz.

X X X

TADEU E A MARIPOSA

Agora ele deve andar metido nalgum quarto de pensão a implorar à mulher com quem se deitou a se deixar fotografar lá mesmo na cama, nua e suja como estiver. Contaram-me que vive dia e noite nas zonas, desesperadamente cantando mulheres, máquina pendurada ao ombro: “Vamos tirar umas fotos, garota?” E todas lhe fogem como o diabo foge da cruz, receosas de se tornarem mais públicas, de comprometimentos com a polícia, os bons costumes. Sua má fama já se espalhou por tudo o que é meretrício. Não vai para trepar e muito menos para fazer outras sacanagens. Seu fraco é fotografia erótica, coisa nojenta. De certo não abre o jogo e se faz de apaixonado: “quero te ver de novo, sempre, deixa eu te fotografar”. Ou mente e diz que é repórter de revista de nu. “Você vai ficar famosa, virar manequim, estrela e ganhar muito dinheiro sem precisar abrir as pernas durante toda a noite em troca de uns cruzeirinhos”. Mas a coisa ficou preta pro seu lado, nem a mais rabugenta puta aceita sua companhia, sabedora de que é um explorador como outro qualquer. falso e mentiroso. Dizem que vive constantemente embriagado, liso, sujo, remendado, a peruar de bordel em bordel, de ruela em ruela, doido por uma cliente que não lhe saiba o nome.

Maluco na certa está mas não é de hoje. Na verdade, no começo de nosso namoro, não desconfiei de nada. Quando me visitava nos fins de semana, lembro-me que vez por outra abria a carteira e me mostrava retratos e mais retratos. Eram da mãe, das irmãs, das ex-namoradas. Tudo muito sério, familiar. “Me apresente sua mãe”, eu dizia, e ele mudava de assunto, fazia que não ouvia ou tirava doutro bolso mais fotos. Pelo visto, era campeão em namoros e casos. Os nomes se acumulavam e se baralhavam magistralmente: Ana, Ana Lucia, Lucia, Anicia Anizia. Uma interminável galeria de moças bonitas, feias, brancas, morenas, adolescentes, coroas. Eu tinha ciúmes e ao mesmo tempo orgulho. Afinal, ele, que

conquistara tantas mulheres, era meu. Eu significava o presente e talvez o futuro, enquanto todas elas se perdiam no passado, viraram álbum de recordações. “Onde mora essa Ana Lúcia?”, eu queria saber. “Foi embora para Brasília”, conformava-me. E ria, gargalhava, chamava-me de tolinha. “E então por que guarda essa porcaria de retrato?” eu insistia. “Besteira minha”, encerrava o assunto.

Depois de certo tempo, conclui que gostava mais de fotografia do que de dinheiro. A carteira vivia recheada, mas não de cédulas. Mania como outra qualquer. Podia ser por futebol, selo, livro. Não levei a sério a extravagância. E o ciúme foi pro bebeléu. Eu me trocar por um pedaço de papel? E eram tantas e ele não demonstrava preferência por nenhuma.

Um dia apareceu com a máquina a tiracolo, risonho, carinhoso, falador, e me pediu para posar. “Foi você quem bateu todos aqueles retratos?”, lembrei-me de perguntar. Não gaguejou e disse sim. Daí em diante não teve sábado nem domingo em que não aparecesse com a câmara e eu fizesse poses no jardim, na calçada, no meio da rua, na praia.

Desde que o conheci, Tadeu trabalhava no comércio mas eu acreditava que fosse fotógrafo. Talvez porque o vi pela primeira vez mostrando retratos a colegas num bar. Dias depois, ao entrar no mesmo bar, o vi de novo, mas desta vez em fotografia, ao lado de rapazes da vizinhança. Mais para diante, nos vidros do armário do bar, três ou quatro fotos mostravam Tadeu abraçado a amigos, copo à mão, rindo largamente, cara de boêmio. Mas não me mentia: “sou vendedor, sim senhora”. E ria e eu ficava na dúvida.

Alugada a casa, resolvemos nos casar. “É o jeito”, dizia papai. “Quem mandou cair na conversa de vagabundo?” concluía. E Tadeu encheu a casa de móveis comprados a prestação. Ao fim do primeiro mês, lamentou-se e chorou. Cadê dinheiro para saldar as dívidas? Eu cozinhava, lavava, varria e queria dar uma ajuda. “Compre uma máquina de costura”, suplicava. Comprou mas a situação piorava cada vez mais.

Num meio-dia de sábado, chegou bêbado mas alegre. Trazia um filme e disse que ia me fotografar. “A coisa preta como está e você gastando dinheiro à-toa”, foi minha primeira reação. Não me deu ouvidos, sorriu, brincou, beijou-me e fomos para a cama. Nunca o sentira tão danado, uma fúria de assustar a mais experimentada prostituta. Horas e horas naquela safadeza. De repente, deixou-me e correu para a sala. Nu ainda, voltou com a câmara na cara, enquanto eu me enrolava na colcha. “Tire isso de cima de você, meu bem”, pediu. Cheia de vergonha, eu perguntava para quê. “Deixe de besteira e fique quieta”. E ia dando ordens: estire-se, encolha-se, abra as pernas, vire-se, levante os braços. Eu obedecia, resmungando, com medo. “Será que ficou doido ” Lembrava-me dos tempos de namoro, dos retratos das namoradas e perdia o medo. “Vou deixar, isso é cachaça. Depois destruo o filme e pronto”. No final, não tive coragem de conversar. Fui tomar banho e ao sair do banheiro ele já estava roncando em cima da cama. Vasculhei em vão toda a casa à procura da máquina. A hora de dormir, ele despertou. Banhou-se, jantou e saiu. Fui deitar-me, mais preocupada do que nunca e adormeci. De manhã, ao acordar, assustei-me: Tadeu dormia profundamente. E assim foi todo o resto do dia. Só durante o almoço da segunda-feira pude perguntar-lhe por que me fotografara daquele jeito. Não deu resposta, trêmulo, nervoso, encabulado. “Agora não dá para conversar, estou atrasado”. E saiu às carreiras. À noite, novamente embriagado, não tocou no assunto. E, durante uma semana, esqueci até que um dia tivesse sido fotografada.

Essa cicatriz talvez não ficasse em mim (e hoje mal passa de uma quase apagada mancha) se eu não tivesse sabido que todas aquelas fotos ele as vendeu. No princípio, não acreditei no que ele dizia e até brinquei: “estão aí na sua carteira no lugar daquelas mocinhas”. Depois fiquei furiosa. Então eu era puta para andar nua nas mãos e nos olhos dos machos? Ele não tinha vergonha de entregar a própria mulher aos outros, fazer papel de gigolô, proxeneta? Estava novamente cheio de cana e colocava outro filme na máquina.

Explicou que era a única maneira de ganharmos dinheiro. “É um trabalho honesto, como vender tecidos e costurar. Apenas mais lucrativo e mais penoso”. Lamuriou-se, passava o dia andando, conversando, adulando. Tudo para o nosso bem, nosso conforto. Breve saldaremos todas as dívidas e ainda teríamos dinheiro para passear, comprar roupas, comer bem. Chorei o tempo todo, enquanto ele falava. Se eu estava chorando era por poder ser confundida com rapariga, sossegasse que ele era fotógrafo fino e marido zeloso. Não ia deixar que sua mulher, logo sua mulher, se prestasse a um papel daqueles. Tomara todos os cuidados, ninguém iria saber jamais que a mulher fotografada se chamava Rosana. “Mas sou eu que estou aí feito uma rameira qualquer”, eu bradava. E para isso ele tinha também uma desculpa: em nenhum momento mirou meu rosto. “Estão aqui os negativos, veja”. Com mais cinco minutos de conversa, cedi. Vendera cada foto a cinquenta cruzeiros, comprara mais um filme e pagara a prestação da televisão. “Agora precisamos de mais dinheiro para a cama, o fogão, a geladeira o conjunto de sala: E foi relacionando os móveis. “Vamos ao segundo filme, minha santa”, encerrou a questão. E fui despir-me e retorcer-me em cima da cama.

Aos poucos me acostumei ao trabalho e já não sentia mais vergonha de me escangalhar diante do *flash*, mariposa atraída pela luz. Abria as pernas, arrebitava a bunda, dançava, pulava na cama, no chão, com o cachorro, o gato, de côcoras, como se mijasse, cagasse, me masturbasse com o dedo, vela, garrafa, banana. No final, superexcitado, ele saltava sobre mim, estranho, malvado.

Chegado o tempo do sonho, porém, eu acordava suada, chorando, gritando socorro, para fugir das multidões de tarados que me cercavam em ruelas escuras, em cubículos estreitos, num mundo de fúria e dor.

Com certo tempo, Tadeu deixou o emprego na loja e se dedicou exclusivamente à fotografia. Nos últimos tempos, diariamente me fotografava e contratou dois rapazes para o

trabalho de vender os retratos. Vivia esbanjando dinheiro, dizendo-se rico. Voltava para casa tarde da noite, queixando-se de cansaço. Perdera a fúria dos primeiros tempos e eu me entregava aos monstros que me visitavam pela madrugada. O que me dava, não era talvez o valor de uma foto vendida. “Tome para as compras”, dizia-me, atirando uma cédula de cem. Passávamos bem, é certo, mas pus-me a fazer contas e a acreditar-me explorada. “Onde você está botando tanto dinheiro, Tadeu?” eu queria saber. Enfurecia-se, mostrava os carnês em dia, as roupas que vestia, apontava para as panelas. “Mas não sobra nada para um passeio, um filme, um jantar fora, uma viagem?” A desculpa vinha inteligente: apesar de nunca me fotografar o rosto, seria perigoso sair comigo. Poderiam me reconhecer, pelo corpo, pela cor, pelo jeito, por andar com ele.

Não convencida, insisti, dia após dia, na vontade e necessidade de passear, divertir-me, sair da toca. Não aguentava mais aquela vidinha de esposa-modelo fotográfico. A resposta veio rápida: queixou-se dizendo-se sem dinheiro, ninguém queria mais comprar as fotos, os fregueses exigiam agora o rosto da mulher.

Nos primeiros tempos, passamos bem, comida farta, roupa e calçados novos, televisão colorida e até um carrinho no qual eu nunca tive o prazer de sair. Tadeu vivia na rua, acordava cedo, quando não voltava bêbado e tarde para casa, almoçava em restaurante, qualquer que fosse o dia da semana. Tinha sempre na ponta da língua uma desculpa: Vou me encontrar com um freguês, mandar revelar o filme, apanhar umas fotos. Se eu reclamava porque ele vivia fedendo a álcool, justificava-se: para ter coragem de conversar, abordar os futuros clientes tinha que beber. Eu chegava a me penalizar dele, sugeria que procurasse emprego, deixasse aquele negócio de lado. Então me dava dinheiro e eu comprava roupas bonitas, jóias, perfumes.

Com o passar do tempo, dinheiro que era bom eu quase nem via mais. Alegava que o mercado estava ruim, muitos concorrentes, falta de dinheiro, muita revista

erótica aparecendo na praça. Se era assim, por que continuar a produzir tantas fotos? Informava que o preço baixara demasiadamente. Para quanto, não me dizia. Desconfiada, dei para segui-lo. De longe, escondida, eu o via conversando com homens, geralmente velhos, nas portas das lojas, nos bares, nas filas. Fui adquirindo o hábito de viver na rua, sozinha, andando à-toa, gastando o dinheiro que ele me dava, me pagava.

Curiosa, passei a frequentar estúdios fotográficos, pagando para ser fotografada. Claro que bem vestida, maquiada, bonita. Foi então que conheci Edmilson. Logo estávamos coversando sobre fotografia e ele me fez a pergunta que serviu de laço para nos unir: por que eu tirava tanto retrato? Gaguejei, ele insistiu e eu fui falando de mim e de Tadeu. Quando cuidei, contava detalhes de nossa vida. Daí para a frente, tudo mudou para mim. Perdi o medo de sair de casa, de exigir explicações de Tadeu. Criei até coragem de dizer não a Tadeu quando ele me chamou para posar. Aborreceu-se porque simplesmente eu disse não, sem qualquer esclarecimento. Fiquei vendo televisão, calada, enquanto ele enchia a cara de cerveja. A certa altura, aproximou-se de mim, beijando-me, alisando-me, chamado-me de amor, benzinho e me tirando a roupa. Recusei-o e permaneci firme na decisão: não queria mais saber de fotografia. Aborreceu-se e passamos a trocar insultos. Chamou-me de cadela, mariposa, puta, o diabo. Dei o troco: gigolô, proxeneta, veado, corno. Foi o fim. Ele saiu para comprar mais bebida e deve ter voltado e se embriagado. Ou dormido ou saído à minha procura. Nunca mais o vi mas sempre me dizem que anda por aí, bêbado, maltrapilho, sujo, amalucado, convidando as mais decaídas prostitutas para uma posse erótica.

Corri ao estúdio de Edmilson e lá posei de todo jeito durante um tempão. Fui além do que me ensinara Tadeu. Só faltei me partir em duas. E em seguida trepamos no chão, como um casal de doidos.

E agora vai ser aqui nesta casa que Edmilson alugou para mim. Vou me deixar lamber pelos *flashes*, pela luz que sai da máquina, ficar tonta, cega, doida, como a mariposa-diante da lâmpada acesa. Quero ser milhões de vezes fotografada, nua, toda nua, só sexo e ser adorada depois por todos os tarados do mundo. Nem que todos se chamem Tadeu.

X X X

TEORIA DA DESFIADURA

Eles vão chegar, mais hora, menos hora. Ofegantes, embravecidos, cientes de me poderem pegar e matar. Porém não me pegarão, nem me matarão. E voltarão decepcionados, porque eu sei o que sou e fui.

Um dia, eu tinha doze anos e o tempo não passava nunca, aquela pintura desbotada diante de mim. Na lama, afundavam-se meus pés, feito bichos medrosos. Ao meu redor tudo se expandia e eu me olhava com pena de minha pequenez. Todo dia esse sempre estar só, muito triste. Acorava-me ao pé da bananeira pensa, a olhar, distraído, para as minhocas que se contorciam no charco do quintal. Minha mãe não chorava mas espantava as galinhas, os urubus e o sol para não se lembrar dos gritos de meu pai. E aguava o chão de manhã e de tarde, com medo da seca.

Nesse perseguir com os olhos as minhocas, eu tive uma idéia.

Eu era a meada de lã do sapatinho inconcluso. Novelo colorido no colo de minha mãe. Se puxasse a ponta do fio, me desenrolava todo, me desfiava. Mamãe me chamava aos gritos, afobada, vasculhava o quintal. Fugiu, o capeta. Trepou no muro, feriu-se nos cacos de vidro, foi-se embora. Louca e muda, me encontrava estirado ao longo do chão, enrolado nas bananeiras apodrecidas, sujo de lama, feito um porco, confundido com as minhocas.

Puxei a pequenina ponta, forcei, primeiro com as pontas dos dedos, depois com a mão fechada, senti que conseguia, a ponta crescia, eu me desfiava, tudo escurecia e eu me perdia num quintal esquisito, sombrio, e o medo me agarraava pelas canelas e me arrastava para os pés de Nosso Senhor.

Cresci. A idéia se enroscou em mim, feito cobra. Por que não desfazer a meada, com dor, sacrifício, intensidade? Acreditei ser necessário difundi-la, por mais absurda que pare-

cesse a muitos. A vez de descobrir meus semelhantes, fazê-los aprendizes, doutriná-los. Alguns poucos ouviram e abaixaram as cabeças. Falei e falei. Discutimos e elaboramos novas idéias, um programa de lutas e objetivos. Criava-se o embrião do grupo.

Três anos após, registramos o partido e concorreremos às eleições. Lutamos nos palanques apedrejados e incendiados pelas turbas. Gritamos nas mesas dos bares. Hastreamos bandeiras que causavam risos fabulosos.

Propusemos a criação de entidades públicas de defesa dos direitos de nossos adeptos e apresentamos projetos de lei que reformulassem todo o sistema educacional, dando aos estudantes uma noção exata do direito de desfiar o novelo.

É minha a frase que se tornou célebre e serviu de estopim para a guerra contra nós desencadeada: “Enquanto somos capazes de dar a vida pelos nossos ideais, vocês são capazes de tirar a vida dos outros pelos vossos.” No mesmo dia nosso partido foi posto na ilegalidade e uma grande onda de perseguição se abateu sobre nós. Os que não conseguiram fugir para o exterior se viram imediatamente presos e executados.

Agora eles virão me buscar, ávidos de sangue em suas mãos assassinas, ofegantes e embravecidos, cientes de me poderem pegar e matar. Porém eu não serei jamais capturado e morto, eu o prometo em memória de meus companheiros massacrados pela intolerância, em fidelidade à minha primeira idéia, lá no quintal de minha velha casa, às meadas e minhocas que me ensinaram lições inesquecíveis. Eu juro: não me deixarei matarem. Serei realmente como sempre fui, um suicida. Agora, agora mesmo.

X X X



